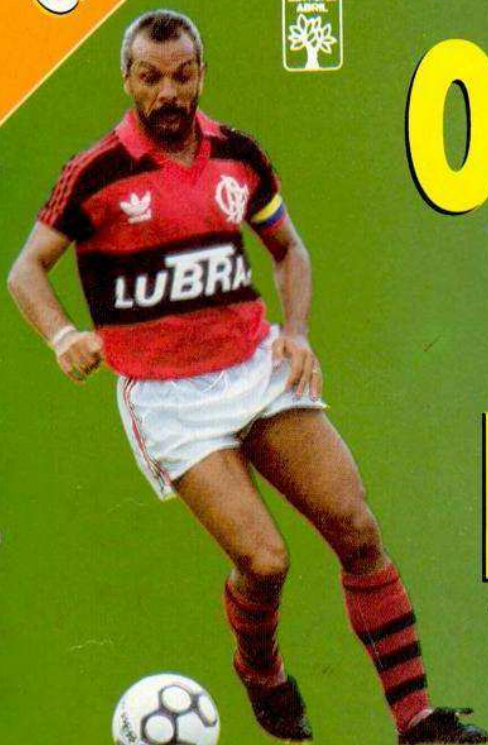
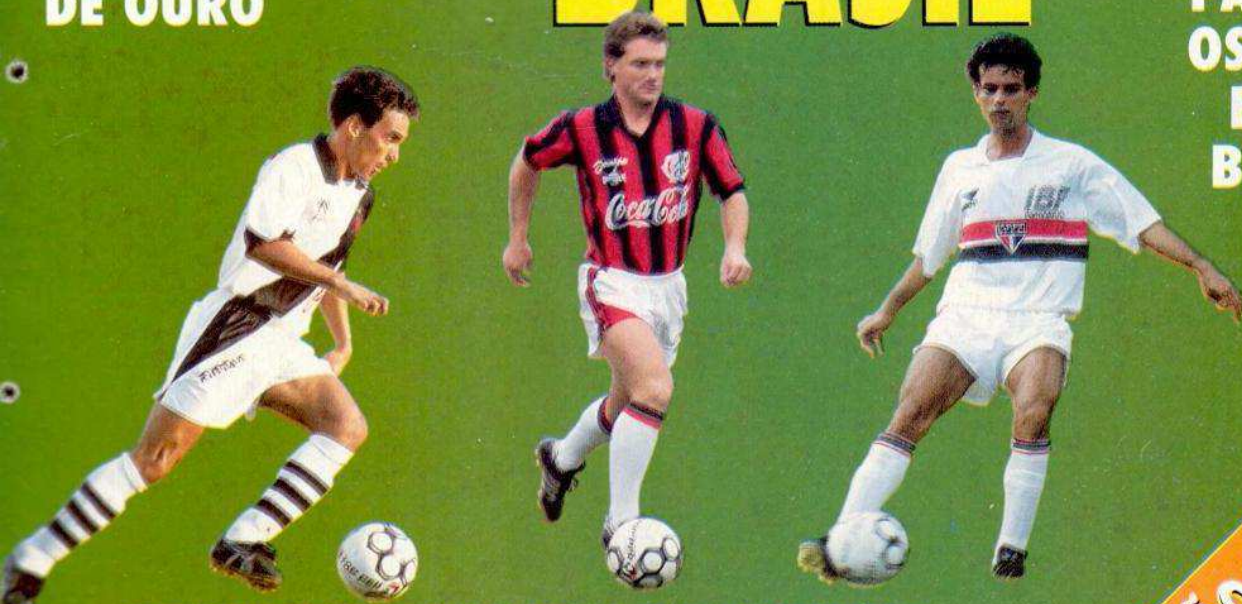
ESPECIAL
SUPERTABELA
DO CAMPEONATO
CARIOCA DE 1992
PLACAR
N.º 1074 AGOSTO DE 1992 Cr$ 16 000,00
EDITORA ABRIL
O MELHOR DO FUTEBOL NO BRASIL
O TIMAÇO DA SELEÇÃO BOLA DE PRATA DE PLACAR
JÚNIOR, UM FENÔMENO DE OURO
PARA CURTIR: OS GOLS MAIS BONITOS DO BRASILEIRÃO
EDMUNDO, NEGRINI E PALHINHA: TRÊS EXPLOSÕES DE PURO TALENTO
MENGÃO PENTACAMPEÃO
UM SUPERPOSTER,
DESTAQUES E
CAMPANHA

NELSON COELHO

Os próprios jogadores reconhecem: mais que nunca, a torcida rubro-negra foi fundamental para que o time chegasse aonde chegou. É uma galera vibrante e comovente com seus cantos e coreografias criativas. Palmas que ela merece

PLACAR

GOLS, CRAQUES E PROMESSAS

O que aconteceu de melhor no futebol brasileiro no primeiro semestre de 1992 você, leitor, vai encontrar nesta edição, que começa com os destaques e a merecida festa do Flamengo pentacampeão nacional. Em seguida, vem uma entrevista do técnico da Seleção, Carlos Alberto Parreira, na qual ele elogia a evolução que os clubes apresentaram na marcação, aproximando o futebol canarinho do estilo europeu. Mestre Júnior — eleito o grande craque do Brasileirão — abre a Seleção Bola de Prata, que tem, entre outros, o artilheiro Bebeto, o goleiro Gilberto e o zagueiro Aílton, dois pernambucanos arretados que formaram na defesa menos vazada da competição em números absolutos. A revista traz depois algumas das mais belas e vibrantes imagens colhidas pelas lentes espertas de nossos fotógrafos. São fotos de muita emoção e, em certos casos, com toques de humor. E, continuando, o leitor vai curtir também os gols mais bonitos do Campeonato Brasileiro, marcados por gente competente como Edmar e o ex-santista Paulinho, hoje no Porto. Não, não pense que acabou, acha que nos esqueceríamos de revelações como o vascaíno Edmundo ou o são-paulino Palhinha? Eles estão dizendo presente ao lado de Negrini, do Atlético Paranaense. É ou não é uma revista para curtir? Temos craques, temos gols, temos promessas. Ah, e temos estatísticas exclusivas do Brasileirão. Então, gostou?

Sérgio f. Martins

CAMPEÃO COM FÉ E CORAÇÃO

À base de raça, o Flamengo superou expectativas e fez do Brasil uma grande festa

NELSON COELHO

Fabinho, Gaúcho e Charles festejam com a taça: o desabafo contra os descrentes veio com uma longa e contagiante comemoração em rubro-negro

"Jamais vi time e torcida tão unidos", diz Márcio Braga

A decisão entre Flamengo e Botafogo ainda estava nos minutos finais quando o centroavante Gaúcho fez sinal para o banco de reservas pedindo substituição. Atendido, desceu aos vestiários e encheu, no saguão do estádio, a primeira jarra de chope da festa rubro-negra. Ali, sozinho, aguardou bebendo pela chegada de seus colegas campeões. "Naquela altura eu só queria comemorar", assumia alegremente o centroavante.

Motivos para isso não faltavam. Como um legítimo campeão, o Flamengo superou todos os desafios e surpreendeu os críticos que, desde o início da campanha, faziam pouco caso da jovem equipe montada pelo técnico Carlinhos. Para eles, não importava sequer o fato de que aquele mesmo time já havia provado sua competência ao vencer o Campeonato Carioca de 1991.

E, no início deste ano, as críticas até pareciam ter fundamento. A equipe passou por maus bocados, chegou a ficar seis jogos sem vencer, entre a sexta e a décima primeira rodadas, e não ganhou nenhum clássico estadual durante a Primeira Fase (empatou com Fluminense e Botafogo e foi goleado pelo Vasco por 4 x 2).

Quando alcançou a reta de chegada, porém, foi impossível segurar o Mengão. Primeiro, pela força de sua torcida, que contagiou o Maracanã com sua emoção e deu ao time a fantástica média de mais de 42 mil pagantes por jogo. "Aqui a torcida faz tudo", exaltava o goleiro Gilmar. "É por isso que dizem que não se pode deixar o Flamengo chegar", garantia o centroavante Gaúcho. De quebra, o time tinha a força da juventude de jogadores como Piá, Júnior Baiano e Fabinho, todos formados na Gávea e acostumados, desde cedo, a entender e respeitar a força mística da camisa flamenguista. "Esse foi o campeonato da afirmação desses jovens craques", avalizava o técnico Carlinhos.

A juventude, na opinião de muitos, foi responsável também por criar uma integração com as arquibancadas poucas vezes vista na história do clube. "Jamais vi time e torcida tão unidos", garante o presidente Márcio Braga. O resultado se refletia em campo, com a volta de uma das características históricas do clube,

RICARDO CORRÊA

FABINHO

Não importou sequer que estivesse jogando fora de sua posição. Na lateral-direita, na primeira partida decisiva contra o Botafogo, ou na esquerda, no último jogo do campeonato, o meio-campista Fabinho mostrou a mesma competência. Parecia o titular absoluto do Flamengo há tempos, e não um jovem de 22 anos. "Eu mesmo me surpreendi com meu desempenho", conta Fabinho. Durante toda a campanha foi assim. Jogou sete vezes desde o início e só em duas delas no meio-campo. Por isso, a torcida já o elegeu como o curinga de plantão para entrar na equipe nos piores momentos.

NELSON COELHO

CHARLES

Só com técnica não se ganha um título. Por isso, o Flamengo colocou o lateral-direito Charles como um dos ingredientes de sua receita para a conquista de mais um campeonato brasileiro. A vontade mostrada desde sua contratação, junto ao Guarani, em 1990, fez até com que o jogador se adaptasse rapidamente a uma nova posição. Depois da saída do lateral Jorginho, vendido ao Bayer Leverkusen, nenhum outro jogador se deu tão bem com a camisa 2 quanto ele, originariamente um médio-volante. "Além disso, sua raça criou uma identificação muito grande com a torcida", atesta o centroavante Gaúcho. Se não bastasse, Charles foi também um campeão de regularidade: das 27 partidas da campanha, esteve presente em nada menos que 24.

PIÁ

Os olhos experientes de Júnior não deixavam o torcedor das arquibancadas se enganar. A cada vez que a bola chegava a seus pés, ela era lançada milimetricamente à ponta esquerda. Lá, Júnior sabia, começavam as mais perigosas jogadas rubro-negras. Sempre pelos pés de Piá. Resta dizer que, dos cinco gols flamenguistas na decisão com o Botafogo, três saíram dos pés do jovem lateral-esquerdo rubro-negro. "Sou um jogador de decisão", assumia, contrariando os críticos que o perseguiam desde que se tornou titular da posição, em 1990. Por isso, o técnico Carlinhos não teve dúvidas em improvisá-lo como ponta-esquerda na última partida do campeonato, no lugar de Nélio, contundido. E seu bom desempenho não valeu apenas para garantir o título. "Foi uma vitória pessoal", afirma.

RICARDO CORRÊA

Contra o Vasco, um show de raça. Valia a vaga na final

que parecia abandonada pela técnica dos anos 80: a raça. E ela foi fundamental nos piores momentos. Na Segunda Fase, por exemplo, os rubro-negros fizeram as contas e chegaram à conclusão de que os confrontos contra o Vasco definiriam a classificação para a final.

O time, por isso, atuou contra os vascaínos como se estivesse disputando a partida da vida de cada jogador. Colocando nas divididas a certeza de poder conquistar o pentacampeonato, a equipe ganhou três pontos nos dois jogos e, de fato, assegurou ali a passagem para as finais contra o Botafogo.

Aí foi, mais uma vez, a hora de superar o descrédito geral. Até o técnico da Seleção Brasileira, Carlos Alberto Parreira, afirmou que o favorito da decisão era o Botafogo. Para contrariá-lo, os veteranos Júnior, Wílson Gottardo, Gaúcho e o técnico Carlinhos fizeram os mais novos perceber que tinham condições de surpreender. Ao mesmo tempo, tiravám dos ombros mais inexperientes a responsabilidade que, àquele momento, era tóda dos favoritos alvinegros. Assim, em campo, jovens como Fabinho, mesmo improvisado na lateral, e Júlio César pareciam feras rubro-negras há muito acostumadas às grandes finais.

Os 3 x 0 do primeiro jogo decisivo mostraram o acerto da diretoria em colocar cinco jogadores formados fora da Gávea entre os titulares (em todos os outros títulos brasileiros, só em 1980 havia um número igual). Na semana da decisão, com longas conversas, Wilson Gottardo, Gilmar, Charles, Uidemar, ao lado de Júnior, impediram que a euforia tomasse conta do elenco. Por isso, nem o garoto Gélson, que fez sua estréia no Maracanã lotado nos 2 x 2 com o Botafogo (antes jogara apenas nas derrotas para Santos e São Paulo fora de casa), sentiu o peso da final e se consagrou como o melhor jogador da defesa na decisão. "Tivemos sempre dezesseis ou dezessete titulares, e os mais novos, por saberem disso, nunca se abalaram", assumia o técnico Carlinhos. Um segredo que fez até o antigo centroavante Nunes mostrar seu entusiasmo depois do título. "Esse é o resultado de um trabalho iniciado no fim dos anos 70. Naquela época, acabamos com o título mundial. Dessa vez, só Deus sabe onde vamos parar."

RICARDO CORRÊA

GAÚCHO

"Eô, eô, o Gaúcho é um terror..." O coro ecoava no Maracanã, entoado pela galera flamenguista, qualquer que fosse o momento da campanha. Ou logo depois de cada uma das oito vezes em que o centroavante Luís Carlos Toffoli, o Gaúcho, estufou as redes adversárias neste campeonato. Ou mesmo nos difíceis momentos que o atacante passou sem marcar: foram nada menos que doze rodadas, das quais ele ficou oito de fora, entre as vitórias por 3 x 2 sobre o São Paulo e 3 x 1 no Goiás. "Nunca passei por uma abstinência de gols como essa", espanta-se. "Mas a torcida sempre me ajudou a chegar ao título mais importante de minha vida." É que, entre os rubro-negros, durante todo o campeonato, ninguém duvidava: Gaúcho é mesmo um terror.

TORCIDA

Mais que nunca, a camisa 12, suada nas tardes de Maracanã, foi fundamental para a conquista rubro-negra. "A torcida nos carregou em todos os momentos difíceis, desde o primeiro jogo", costuma assumir, sem pudores, o goleiro Gilmar. E ninguém ousa discutir. Com seus gritos de guerra, que na verdade mais parecem hinos de uma alegria agora no auge pela quinta vez, ela proporcionou ao clube a incrível média de 42 195 torcedores por partida. Mais que isso: influiu decisivamente na atuação de cada um de seus jogadores. Foi ela, afinal, quem acreditou até o fim no seu time, mesmo no difícil grupo das Semifinais contra os papões São Paulo e Vasco. Por isso, a torcida também merece a faixa de campeã do Brasil.

FOTOS NÉLSON COELHO

GILMAR

Campeão, o goleiro Gilmar já estava acostumado a ser — fosse no Internacional, em 1984, ou no São Paulo (Brasileiro em 1986 e Paulista em 1985, 87 e 89). Mas desta vez foi diferente. "Nunca achei que, para ganhar um título, fosse necessário um time forte. Antes de tudo, é preciso ter um grupo unido. E isso não faltou ao Flamengo." A presença do goleiro também foi vital neste time de nem tanta técnica, mas de muita raça. Dos 27 jogos da campanha, a segurança de Gilmar esteve presente em todos, garantindo uma boa média de 1,14 gol tomado por partida (no total foram 31 gols). De quebra ajudava Júnior, treinando insistentes cobranças de faltas, horas depois de o treinamento normal se encerrar na Gávea.

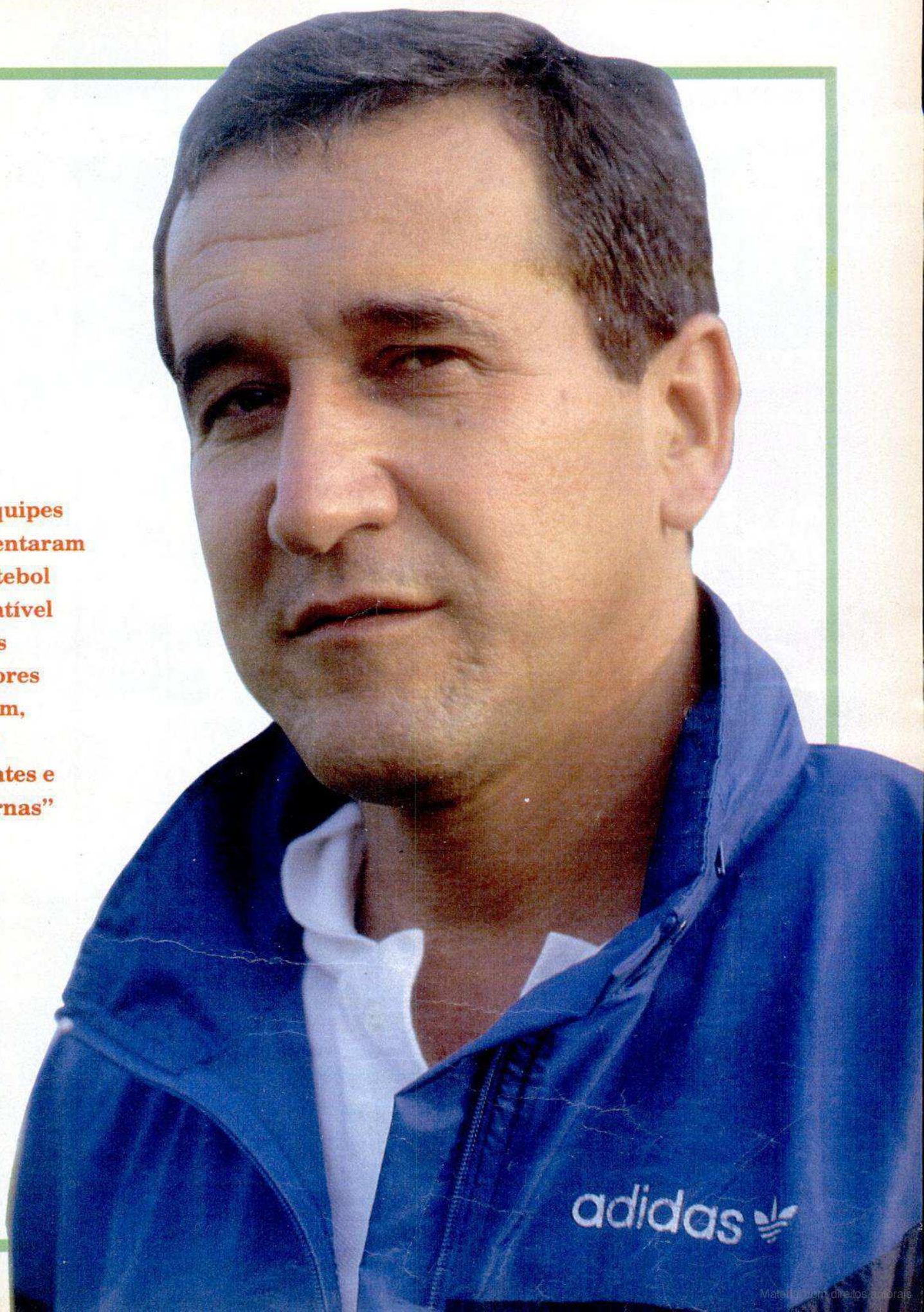
Carlos Alberto Parreira

Um bom campeonato

O técnico da Seleção faz um balanço do Brasileiro e destaca muitos pontos para serem elogiados

Os muitos gols, a aplicação tática de times como o Flamengo campeão, os bons jogos disputados e o brilho individual de conhecidos talentos, como Júnior e Bebeto, além das revelações Palhinha e Edmundo, fizeram o técnico Carlos Alberto Parreira elogiar o Campeonato Brasileiro de 1992. "Sem dúvida, a competição agradou", avalia o treinador da Seleção Brasileira, que não foi ao Maracanã na última partida decisiva, entre Flamengo e Botafogo: preferiu sintonizar o jogo pela televisão, com auxílio de uma antena parabólica. E não se arrependeu do programa escolhido para a tarde do domingo, dia 19 de julho, quando o campeonato teve seu final. "Houve empenho no plano tático, e o Flamengo se superou para ser o campeão", resume ele, nesta entrevista ao repórter **Mauro Cezar Pereira.**

PLACAR — *Qual sua avaliação deste Campeonato Brasileiro, técnica e taticamente?*
PARREIRA — Foi muito bom. Tivemos grandes jogos e a média de gols subiu. O São Paulo foi prejudicado por disputar duas competições paralelas, é verdade, mas me agradou, assim como o Vasco, que praticou um futebol bonito e eficiente. Já o Flamengo soube se impor pelo conjunto e força tática. As equipes, enfim, apresentaram um futebol compatível com os jogadores que têm, foram eficientes e modernas.
PLACAR — *Onde os times brasileiros mais avançaram em relação ao ano passado?*
PARREIRA — Na marcação. É o forte do Bragantino, e o Flamengo também faz isso muito bem. O São Paulo melhorou neste aspecto. Telê adotou um esquema com dois cabeças-de-área e o resultado foi ótimo.
PLACAR — *Quais os jogadores que você destacaria?*
PARREIRA — Bebeto foi bem, não só por ter sido o artilheiro do campeonato mas também pelo belo futebol que apresentou.
PLACAR — *E o Júnior?*
PARREIRA — Este é um capítulo à parte. Além de jogar um futebol bonito e eficiente, comandando o time do Flamengo, também fez gols e foi o artilheiro de sua equipe na competição. É um fenômeno.
PLACAR — *Quais foram as revelações?*
PARREIRA — Palhinha, do São Paulo, Edmundo, do Vasco, e Nélio, do Flamengo, que, embora não seja tão habilidoso, tem uma importante função tática no seu time.
PLACAR — *Falando em tática, como está o futebol brasileiro em comparação ao praticado nos outros países?*
PARREIRA — Comparar é difícil. Os europeus, por exemplo, têm seu estilo próprio, veloz, com bolas esticadas. Nós a tocamos, trabalhamos mais as jogadas. Mas podemos citar o Flamengo como um exemplo de time que mantém as características do nosso futebol, aliadas à marcação, como na Europa.
PLACAR — *Bebeto, Mauro Silva, Valdeir e outros destaques do Campeonato Brasileiro estão se transferindo para o exterior. Como fica a sua Seleção?*
PARREIRA — Faremos experiências apenas com os que permanecerem no Brasil, em todos os jogos que disputaremos este ano. A Seleção, mesmo, somente será montada nas Eliminatórias, quando teremos os jogadores que atuam na Europa à nossa disposição.
PLACAR — *A média de gols subiu e os times do Rio foram os mais ofensivos. Por quê?*
PARREIRA — Eles se prepararam bem e têm jogadores com ótima presença na área. O Vasco, com Bismarck, Bebeto e Edmundo; o Botafogo, com Renato, Dias, Chicão e Valdeir; e o Flamengo, com o próprio Júnior, Nélio e Gaúcho.
PLACAR — *Depois de duas finais paulistas, os times de São Paulo não chegaram à decisão. Eles caíram em relação a 1990 e 1991?*
PARREIRA — Não, na verdade tudo é questão de momento. Dos oito semifinalistas, cinco eram de São Paulo. E todos com condições de chegar à final. Só que, desta vez, as equipes do Rio se saíram melhor.
PLACAR — *O que você pensa da fórmula de disputa adotada este ano?*
PARREIRA — Não foi a primeira vez que ela foi utilizada. Tem seus aspectos positivos, pois mantém o interesse de várias equipes até o final. Por pontos corridos há mais justiça, é verdade, mas nas duas últimas rodadas a briga pelo título estaria apenas entre Botafogo e Vasco. Assim, com oito se classificando para as Semifinais, vários times continuaram na luta. Isso traz melhores resultados financeiros. Na Europa, pontos corridos fazem sucesso, mas os times que não podem chegar ao título brigam pelas posições seguintes tentando se classificar para a Copa da UEFA. Os últimos, por sua vez, lutam contra o rebaixamento. Aqui ninguém cai para a Segunda Divisão e não existe interesse ou motivação extra para se chegar em terceiro, quarto ou quinto.
PLACAR — *Qual o time que mais se aproximou daquilo que o técnico Carlos Alberto Parreira considera o futebol moderno e eficiente, o futebol que o seduz?*
PARREIRA — Algumas equipes me agradaram por diversos aspectos. O Flamengo, com seu bom conjunto tático, assim como o Bragantino. São times que se superam, apesar de não terem tantos jogadores técnicos como alguns adversários. São Paulo e Vasco também foram bem, e até o Santos, vale ressaltar, mesmo sem ser brilhante, mostrou um futebol lutador e aplicado.

"As equipes apresentaram um futebol compatível com os jogadores que têm, foram eficientes e modernas"

23.ª Bola de Prata

PLACAR apresenta os melhores de cada posição no Brasileiro

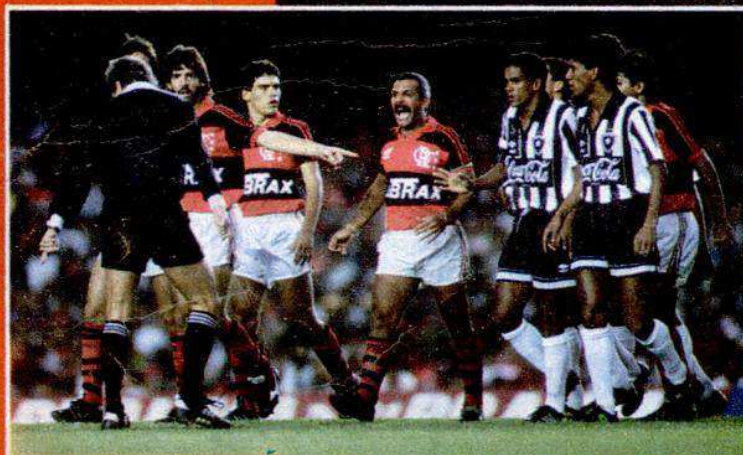
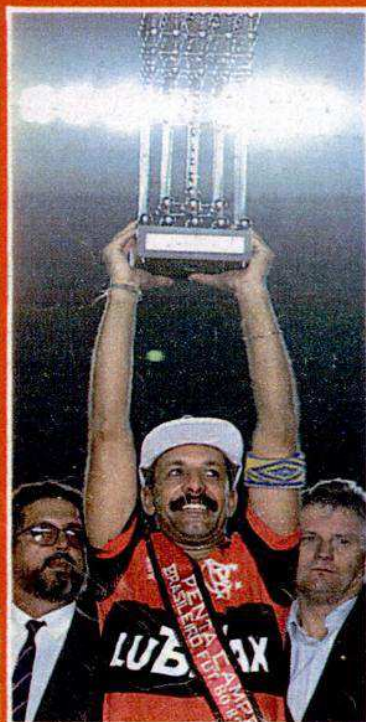
de 1992. São os vencedores da Bola de Prata, com as maiores notas, na média, depois de 216 jogos. Levam o troféu também o artilheiro e o dono da maior de todas as notas (Bola de Ouro)

FOTOS RICARDO CORRÊA

JÚNIOR - BOLA DE OURO

REI RUBRO-NEGRO

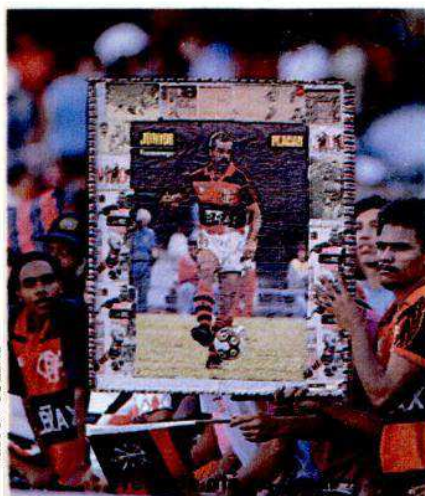
Líder, campeão, goleador: nada faltou para coroá-lo

NELSON COELHO

Até chegar à apoteose, com a taça *(à esquerda)*, Júnior só não fez chover: no drible em Renato Gaúcho *(acima)*, fazendo-se respeitar pelo juiz *(ao lado)* ou comemorando outro gol *(à direita)*, ele encarnou como nunca a mística rubro-negra

MENGO

JÚNIOR - BOLA DE OURO

O clima é de euforia, e o local, o vestiário do Maracanã. Nele, momentos depois da primeira partida decisiva do Campeonato Brasileiro, os jogadores mais jovens do Flamengo festejam a vitória por 3 x 0 sobre o Botafogo como se já fossem os campeões. De repente, uma voz sábia interrompe as gargalhadas e os abraços. "Ainda não ganhamos nada. Vamos parar com esse negócio", dispara o capitão Júnior, maestro e artilheiro do time, autor do primeiro gol do jogo. Entre tantos outros feitos, ele fecharia o campeonato com mais um gol de falta, na última partida, e média de 7,60 nas notas da Bola de Prata de PLACAR. Em suma, o melhor entre os mais de quinhentos jogadores que participaram do Campeonato Brasileiro. O craque Bola de Ouro de 1992.

NÉLSON COELHO

Júnior moldou o Flamengo a sua imagem e semelhança. Um simples olhar de desaprovação seu para os cinco barris de chope que esperavam pela festa dentro do vestiário rubro-negro ao final dos comemorados 3 x 0 bastou para que, na segunda partida, eles fossem retirados do local. Com a mesma liderança ele conduziu o desacreditado Flamengo a seu quinto campeonato brasileiro. Em quatro deles (1980, 82, 83 e agora, em 1992) Júnior vestia a camisa rubro-negra. Nos momentos mais delicados da recente façanha, de incerteza ou euforia exagerada, o velho Júnior tinha sempre a palavra apropriada. "Conviver e jogar com ele é o melhor que um jogador pode desejar", resume Zinho, seu companheiro na organização do meio-campo. "Quando o Júnior não joga, até o comportamento do juiz muda", faz coro o goleiro Gilmar.

Mais uma vez, Júnior mostrou que nasceu (e vive) para quebrar tabus. A cada repórter que indagava o segredo de tanta vitalidade "aos 37 anos", ele corrigia: "oito". Trinta e oito anos completados em 29 de junho, um dia depois do empate com o Vasco, na primeira partida entre os dois nas Semifinais, em que também fez gol. Assim ele desafia o tempo: com um futebol impecável e, fato inédito em sua carreira, cada vez mais goleador. Foi, pela primeira vez, o artilheiro do time em um campeonato, com nove gols em 27 partidas, média de um a cada três jogos. Cinco deles de falta — uma outra especialidade deste craque que parece ter intermináveis recursos. As vítimas — Atlético Mineiro, Internacional, Corinthians, Vasco e Botafogo — ficaram, uma a uma, no meio do caminho. Júnior marcou também um quase-gol olímpico — bem ajudado, é verdade, pelo lateral vascaíno Luiz Carlos Winck. "Agradeço a paciência dos goleiros do Flamengo por ficarem horas comigo, depois do treino, ensaiando as cobranças de bolas paradas", declarava após a definitiva conquista do título, com os 2 x 2 frente ao Botafogo, como se estivesse, mais uma vez, dividindo as glórias.

Na semana que separou os dois últimos jogos decisivos, porém, Júnior teve de desenvolver um trabalho psicológico aliado às maravilhas que teimava em reproduzir em campo. Afinal, o Botafogo teria de vencer o rubro-negro por três ou mais gols de diferença para tomar-lhe a taça. E o episódio com os barris de chope havia sido apenas o primeiro de uma série de sintomas do "já ganhou" que o velho capitão brigava para evitar. Equilibrado, líder dentro e fora do campo, ele sabia das limitações do Flamengo. Por isso, respondeu a um torcedor que

OS DONOS DA BOLA DE OURO

Ano	Jogador	Ano	Jogador
1973*	Cejas (Santos) e Ancheta (Grêmio)	1983	Roberto Costa (Atlético-PR)
1974	Zico (Flamengo)	1984	Roberto Costa (Vasco)
1975	Waldir Peres (São Paulo)	1985	Marinho (Bangu)
1976	Figueroa (Internacional)	1986	Careca (São Paulo)
1977	Toninho Cerezo (Atlético-MG)	1987	Renato Gaúcho (Flamengo)
1978	Falcão (Internacional)	1988	Taffarel (Internacional)
1979	Falcão (Internacional)	1989	Ricardo Rocha (São Paulo)
1980	Toninho Cerezo (Atlético-MG)	1990	César Sampaio (Santos)
1981	Paulo Isidoro (Atlético-MG)	1991	Mauro Silva (Bragantino)
1982	Zico (Flamengo)	1992	Júnior (Flamengo)

* Embora a Bola de Prata exista desde 1970, a Bola de Ouro passou a ser conferida somente a partir de 1973

RICARDO CORRÊA

Antes, o horror ao "já ganhou"; depois, apenas a certeza do dever cumprido. Mas, dentro de campo, ele se transformava: era capaz de comemorar cada gol como se fosse de novo um menino

invadiu o campo, caneta e faixa de pentacampeão na mão, para abordá-lo: "Parceiro, essa eu não assino. Pelo menos por enquanto".

Quando a hora finalmente chegou, ao som do apito final de José Roberto Wright, o que se viu foi um Júnior consciente do dever cumprido. Braços erguidos, o primeiro cumprimento foi para o adversário Valdeir. Depois vieram o companheiro Gilmar, o conhecido sambista, rubro-negro e "compadre" João Nogueira e, na seqüência, toda a massa rubro-negra, que, àquela altura, tomava o gramado do Maracanã. Entre um gole e outro na garrafa de água mineral que lhe foi atirada, já não era mais o menino que, na comemoração de mais um gol de falta, o primeiro daquele jogo recém-terminado, corria, pulava, brincava, dava vazão aos sentimentos alguns minutos antes. Sereno, o pai do título surpreendia mais uma vez a todos, pregando agora a naturalidade daquele momento raro, que, mesmo para a laureada nação flamenguista, só se repetiu não mais que cinco vezes nas últimas duas décadas. "É uma emoção normal, de quem trabalhou para isso", explicava. "Nada de excepcional." E, com a tranqüilidade própria dos vencedores, erguia logo depois a taça, diante de seu povo, em um palanque, no centro de um gramado do qual será sempre rei.

O NOVO HOMEM-GOL DO MENGO

Como se não bastasse administrar com competência o meio-campo, orientar a defesa, municiar o ataque flamenguista, Júnior ainda virou o artilheiro do time campeão, com nove gols. Relembre, abaixo, como foi cada um desses nove momentos mágicos proporcionados pelo "Velho".

NÉLSON COELHO

Só no Maracanã, ele fez sete, quase 80% dos gols

1 O Botafogo, que seria a última vítima, foi também a primeira, logo na terceira rodada: um tirambaço de fora da área e, no final, 2 x 2.

2 Empate fora de casa sempre vai bem. No fim do primeiro tempo, 1 x 0 para o Galo, Júnior tira o Mengo do sufoco, empatando de falta.

3 Em tarde de gala contra o Corinthians, a torcida descobre a mais nova arma do craque: cobrança de falta. Assim saiu o primeiro dos 3 x 1.

4 A derrota em casa, para o Sport (1 x 2), podia significar a desclassificação. Mesmo nas horas difíceis, Júnior deixou sua marca.

5 E o passaporte para as semifinais veio sofrido, no último jogo da Primeira Fase. Júnior fez o primeiro dos 2 x 0 no Inter.

6 Frente ao Vasco, Júnior fez tudo: no primeiro jogo, os dois gols no empate de 1 x 1 (um deles, é verdade, contra as redes de Gilmar).

NÉLSON COELHO

Fora de casa também vale: aqui, um baile no Corinthians

DANIEL AUGUSTO JÚNIOR/PULSAR

Bola no chão na final. E mais dois golaços

7 Nos 2 x 0, uma verdadeira batalha campal. Só ele se salvou, com um gol olímpico que contou com a ajuda do vascaíno Luiz Carlos Winck.

8 Decidir ficou mais fácil depois que Júnior, sempre ele, quebrou a resistência do Botafogo, logo aos 15 minutos. Final: 3 x 0.

9 Chave de ouro do pentacampeonato: com outro gol de falta, ele deu início aos 2 x 2 que valeram o título de campeão e artilheiro do time.

BEBETO - ATACANTE E ARTILHEIRO

A GLÓRIA COM GOLS E TALENTO

O craque vascaíno deu a volta por cima enchendo os campos com seu mágico futebol

A estréia do Vasco no Campeonato Brasileiro marcou o início de uma nova era. Mais do que a recuperação do clube e após a péssima campanha no Estadual de 1991, os 4 x 1 sobre o Corinthians mostraram a todo o Brasil a reviravolta na carreira do maior craque cruzmaltino: Bebeto. No jogo contra o time paulista, ele fez dois gols, aniquilou o Corinthians e deu o primeiro passo para uma temporada brilhante em que foi o goleador do campeonato com dezoito gols. Por isso, ganhou duas Bolas de Prata de PLACAR — uma pela artilharia e outra por seu desempenho como atacante.

Além disso, Bebeto conseguiu não só conquistar definitivamente a torcida cruzmaltina depois de três anos de São Januário como ganhou também o respeito internacional de forma inquestionável. Tanto que seu passe foi duramente disputado pelo clube alemão Borússia Dortmund e pelo espanhol La Coruña, que acabou levando a melhor na briga. Até a metade de 1991, Bebeto marcara apenas 21 gols com a camisa vascaína, pouco jogava devido a seguidas contusões e mantinha a fama de flamenguista incorrigível. Os problemas não paravam por aí. Convocado para disputar a Copa América por Paulo Roberto Falcão no ano passado, recusou-se a ficar na reserva e abandonou a Seleção Brasileira. Na volta, teve início sua recuperação. "Mostrei a ele que deveria ter consciência profissional", lembra o supervisor do Vasco, Paulo Angioni, um dos responsáveis pela volta por cima do craque.

No Campeonato Carioca, que começou em seguida, Bebeto já mostrava progressos. Foi o vice-artilheiro com quinze gols (Gaúcho fez dezessete), mas sua boa performance passou quase despercebida diante da má campanha do Vasco, que não se classificou para as finais. Somados aos dezoito do Brasileiro, porém, alcançam 33 em apenas um ano — doze a mais do que fez nas primeiras duas temporadas no Vasco. "Só me faltava dar seqüência aos jogos", garante Bebeto.

Os números provam que sim. Na Primeira Fase do Campeonato Brasileiro, o atacante marcou treze dos 31 gols de seu time. E no final da participação vascaína os dezoito que computou no total representaram 41,8% dos gols da equipe. Se não bastasse, foi autor de verdadeiras obras-primas, como no 1 x 0 sobre o Sport, quando recebeu na grande área, girou o corpo e completou de pé esquerdo, no ângulo do goleiro Gilberto. Por isso, voltou à Seleção Brasileira sob o comando do treinador Carlos Alberto Parreira e, na partida contra a Inglaterra, em Wembley, foi o autor do gol brasileiro que garantiu o empate em 1 x 1.

Sua alegria em 1992 só não foi completa por causa da desclassificação do Vasco, que não repetiu na segunda fase do Brasileiro a campanha da primeira e foi eliminado pelo Flamengo da disputa das finais. Mas, mesmo na Segunda Fase, Bebeto deixou sua marca, fazendo cinco gols, em seis partidas, tornando-se um dos jogadores que mais marcaram em uma única partida durante o campeonato (fez três contra o Santos), ao lado de Túlio, do Goiás, Nílson, da Portuguesa, Paulinho, do Santos, Edil, do Paysandu, e Marcelo, do Bahia. "Mas não fazia questão de ser artilheiro. Queria mesmo era ser campeão brasileiro", afirma Bebeto, resignado.

O craque só não conseguiu evitar um problema ao time do Vasco: depois de se consagrar como o primeiro a honrar a camisa 10, que foi de Roberto Dinamite, está deixando o clube outra vez à procura de um herdeiro, com sua transferência para o La Coruña, da Espanha. E, agora, o substituto terá uma responsabilidade a mais. Fazer os vascaínos esquecerem, além de Roberto, aquele que foi o mais recente ídolo da torcida de São Januário: o artilheiro Bebeto.

RICARDO CORRÊA

Na grande área, todas as jogadas eram dele: fez 41% dos gols vascaínos

18 VEZES BEBETO

26/1
Corinthians 1 x Vasco 4 (2)
16/2
Vasco 2 x Paysandu 0 (2)
23/2
Atlético-MG 0 x Vasco 4 (1)
12/3
Vasco 3 x Bahia 1 (1)
15/3
Palmeiras 1 x Vasco 2 (2)
22/3
Vasco 1 x Sport 0 (1)
29/3
Vasco 4 x Flamengo 2 (2)
12/4
Botafogo 1 x Vasco 2 (1)
10/5
Vasco 2 x Inter 0 (1)
7/6
Vasco 3 x Santos 3 (3)
21/6
São Paulo 2 x Vasco 2 (1)
8/7
Vasco 3 x São Paulo 0 (1)

RICARDO CORRÊA

OS ARTILHEIROS, ANO A ANO

ANO	JOGADOR	GOLS
1971	Dario (Atlético-MG)	15
1972	Dario (Atlético-MG) e Pedro Rocha (São Paulo)	17
1973	Ramón (Santa Cruz)	21
1974	Roberto (Vasco)	16
1975*	Flávio (Inter)	16
1976	Dario (Inter)	16
1977	Reinaldo (Atlético-MG)	28
1978	Paulinho (Vasco)	19
1979	César (América-RJ) e Roberto César (Cruzeiro)	12
1980	Zico (Flamengo)	21
1981	Nunes (Flamengo)	16
1982	Zico (Flamengo)	21
1983	Serginho (Santos)	22
1984	Roberto (Vasco)	16
1985	Edmar (Guarani)	20
1986	Careca (São Paulo)	25
1987	Müller (São Paulo)	10
1988	Nílson (Inter)	15
1989	Túlio (Goiás)	11
1990	Charles (Bahia)	11
1991	Paulinho (Santos)	15
1992	Bebeto (Vasco)	18

* Embora a Bola de Prata exista desde 1970, a Bola de Artilheiro passou a ser conferida somente a partir de 1975

Os dezoito gols do Brasileiro devolveram o respeito a Bebeto, que ganhou duas Bolas de Prata

NELSON COELHO

GILBERTO - GOLEIRO

MURALHA PERNAMBUCANA

Poucos atacantes conseguiram chegar às redes do Sport Recife, graças a suas atuações

Só mesmo Bebeto, o artilheiro do campeonato, para achar, aos 21 minutos do segundo tempo daquele teimoso 0 x 0 entre Sport e Vasco, o golzinho salvador da vitória do time carioca. Este foi apenas um dos inúmeros duelos que o jovem goleiro Gilberto, de 23 anos, do Sport Recife, teve que travar com os atacantes do Brasileiro deste ano. A maioria deles, conseguiu vencer — afinal, Gilberto permaneceu invicto em jogos contra ataques poderosos, como os do Botafogo (Sport 1 x 0), São Paulo (0 x 0) e Corinthians (0 x 0). No final, das dezenove partidas que disputou, saiu de campo sem levar gols em nove, o que prova que, se o time não foi mais longe no campeonato, não foi por culpa sua.

Com média 7, ultrapassou Narciso, do Guarani, Jéfferson, do Fluminense, e Ricardo Cruz, do Botafogo, em um ano de poucos destaques na posição, mas de muito trabalho para os goleiros. O maior dos desafios, no entanto, Gilberto já havia superado antes mesmo do início da temporada: a efetivação como titular da camisa 1 do Sport, após a saída do veterano Paulo Victor, ex-Fluminense. Foi o primeiro passo para a projeção nacional.

GOLEIROS QUE GANHARAM A BOLA

Ano	Goleiro	Ano	Goleiro
1970	Picasso (Bahia)	1981	Benitez (Inter)
1971	Andrada (Vasco)	1982	Carlos (Ponte Preta)
1972	Leão (Palmeiras)	1983	Roberto Costa (Atlético-PR)
1973	Cejas (Santos)	1984	Roberto Costa (Vasco)
1974	Joel Mendes (Vitória)	1985	Rafael (Coritiba)
1975	Waldir Peres (São Paulo)	1986	Gilmar (São Paulo)
1976	Manga (Inter)	1987	Taffarel (Inter)
1977	Édson (Remo)	1988	Taffarel (Inter)
1978	Manga (Operário-MS)	1989	Gilmar (São Paulo)
1979	João Leite (Atlético-MG)	1990	Ronaldo (Corinthians)
1980	Carlos (Ponte Preta)	1991	Marcelo (Bragantino)
		1992	Gilberto (Sport)

AYRON SANTOS

Jovem para a posição, Gilberto ganhou a confiança da torcida com boas defesas e regularidade

CAFU - LATERAL DIREITO

FURACÃO TRICOLOR

Sua capacidade física o tornou o mais eficiente na posição

Um fenômeno. Essa avaliação do preparador físico Moraci Sant'Anna sobre o desempenho de Cafu está longe de ser exagerada. Se não bastasse a técnica que demonstra na lateral-direita do São Paulo, o jogador é invariavelmente o melhor nas avaliações físicas feitas pelo clube. Sua capacidade nos testes de esteira, por exemplo, até obrigou a comissão técnica tricolor a fazer uma adaptação no aparelho: o limite da esteira teve que ser aumentado de 17 para 18 km/h para ficar no nível do atleta.

"Não sei de onde sai tanta energia", confessa o jogador. Graças a ela, porém, Cafu tornou-se o melhor lateral-direito do futebol brasileiro — é titular da Seleção e assegurou sua primeira Bola de Prata, com a média de 6,52 em 21 jogos, contra os 6,48 de Paulo Roberto, do Cruzeiro, e os 6,46 de Gustavo, do Guarani, o primeiro da classificação até o início da Segunda Fase.

Mas para Cafu, em 1992, só faltou o título nacional, que seria seu segundo brasileiro e terceiro troféu em três anos como profissional (estreou entre os titulares em 1989). Até a torcida reconhece que o lateral foi o melhor jogador do time no campeonato.

NÉLSON COELHO

O excepcional preparo atlético tornou o são-paulino Cafu imbatível na disputa entre os laterais

LATERAIS-DIREITOS QUE GANHARAM A BOLA	
1970	Humberto Monteiro (Atlético-MG)
1971	Humberto Monteiro (Atlético-MG)
1972	Aranha (Remo)
1973	Zé Maria (Corinthians)
1974	Louro (Fortaleza)
1975	Nelinho (Cruzeiro)
1976	Perivaldo (Bahia)
1977	Zé Maria (Corinthians)
1978	Rosemiro (Palmeiras)
1979	Nelinho (Cruzeiro)
1980	Nelinho (Cruzeiro)
1981	Perivaldo (Botafogo)
1982	Leandro (Flamengo)
1983	Nelinho (Cruzeiro)
1984	Édson (Corinthians)
1985	Luiz Carlos Winck (Inter)
1986	Alfinete (Joinville)
1987	Luiz Carlos Winck (Inter)
1988	Alfinete (Grêmio)
1989	Balu (Cruzeiro)
1990	Gil Baiano (Bragantino)
1991	Gil Baiano (Bragantino)
1992	Cafu (São Paulo)

AÍLTON - ZAGUEIRO

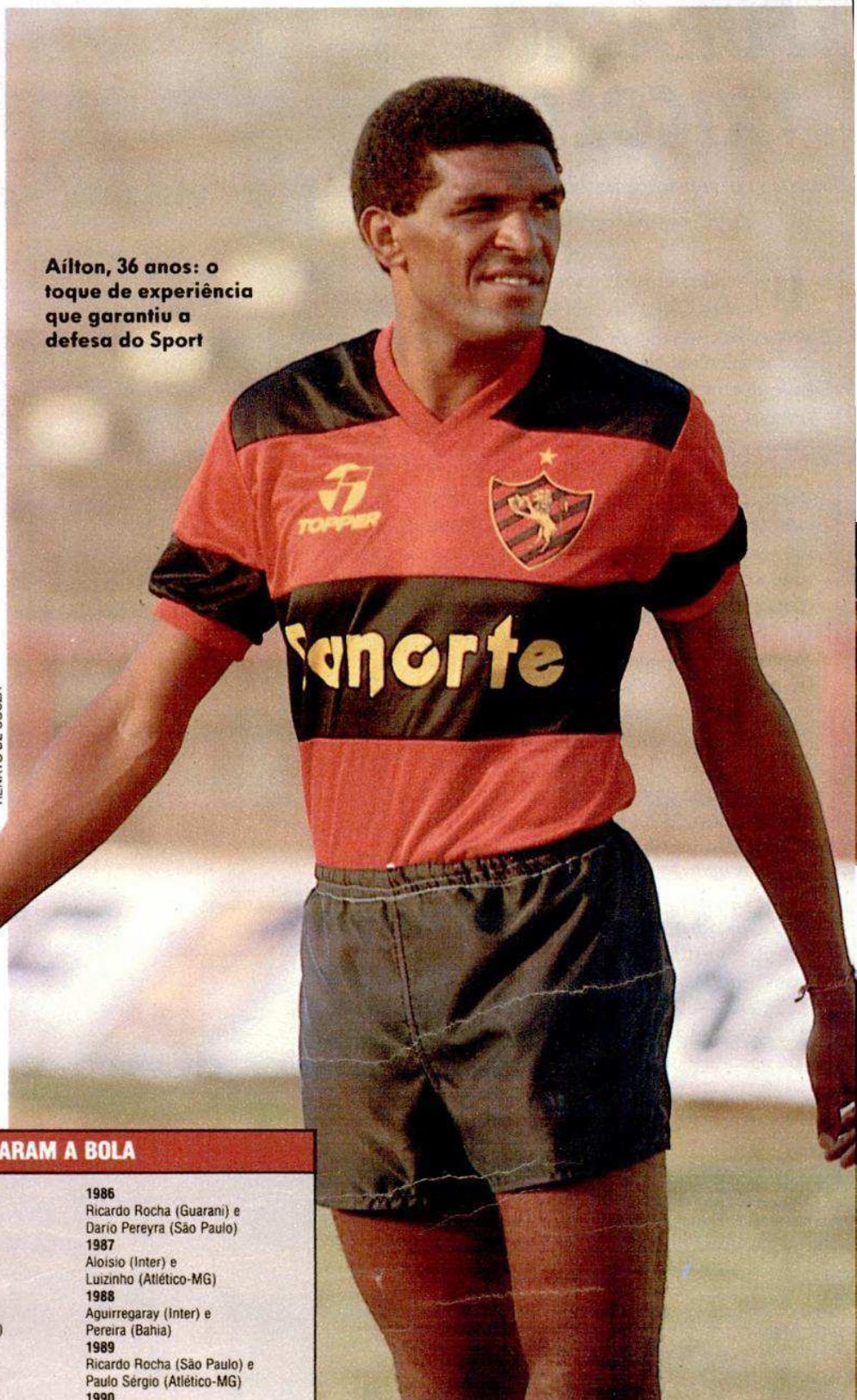
SEGURANÇA LÁ ATRÁS

Verdadeiro xerife, foi a alma da defesa menos vazada

Quem estranhar a presença do zagueiro Aílton, do Sport, um veterano xerife de 36 anos entre os ganhadores da Bola de Prata de 1992, desconhece o desempenho da defesa pernambucana no Campeonato Brasileiro. Em números absolutos, por exemplo, ninguém tomou menos gols que o rubro-negro — foram apenas quinze nos dezenove jogos da Primeira Fase, uma regularidade somente superada, na média, pelo Bragantino, na Segunda Fase, que, sofrendo dezessete gols em 25 partidas, terminou como a melhor defesa (0,68 gol por jogo, contra 0,78 do Sport).

O segredo tem nome — José Aílton Oliveira Silva, um sergipano de Laranjeiras que, com seu 1,77 m e 70 kg, garantia a tranqüilidade do goleiro Gilberto, outro premiado com a Bola. Sua marcação, dura, porém leal, garantiu o prêmio, com média 6,50 em dezesseis partidas, e um lugar no coração da torcida rubro-negra. Adoração que não vem de agora: já em 1990, quando o time disputou a Série B, Aílton foi também artilheiro, marcando quatro gols nos momentos decisivos da campanha.

RENATO DE SOUZA

Aílton, 36 anos: o toque de experiência que garantiu a defesa do Sport

ZAGUEIROS QUE GANHARAM A BOLA

1970
Brito (Cruzeiro) e Reyes (Flamengo)
1971
Pescuma (Coritiba) e
Vantuir (Atlético-MG)
1972
Figueroa (Inter) e Beto (Grêmio)
1973
Ancheta (Grêmio) e
Alfredo (Palmeiras)
1974
Figueroa (Inter) e Miguel (Vasco)
1975
Figueroa (Inter) e Amaral (Guarani)
1976
Figueroa (Inter) e
Beto Fuscão (Grêmio)
1977
Oscar (Ponte Preta) e
Polozi (Ponte Preta)
1978
Rondinelli (Flamengo)
e Deodoro (Coritiba)
1979
Osmar (Atlético-MG) e
Mauro Galvão (Inter)
1980
Joãozinho (Santos) e
Luizinho (Atlético-MG)
1981
Moisés (Bangu) e
Dario Pereyra (São Paulo)
1982
Juninho (Ponte Preta) e
Edinho (Fluminense)
1983
Márcio (Santos) e
Dario Pereyra (São Paulo)
1984
Ivan (Vasco) e
De León (Grêmio)
1985
Leandro (Flamengo) e
Mauro Galvão (Inter)
1986
Ricardo Rocha (Guarani) e
Dario Pereyra (São Paulo)
1987
Aloísio (Inter) e
Luizinho (Atlético-MG)
1988
Aguirregaray (Inter) e
Pereira (Bahia)
1989
Ricardo Rocha (São Paulo) e
Paulo Sérgio (Atlético-MG)
1990
Adilson (Cruzeiro) e
Marcelo (Corinthians)
1991
Márcio Santos (Inter) e
Ricardo Rocha (São Paulo)
1992
Aílton (Sport) e
Alexandre Torres (Vasco)

As seguidas contusões de Alexandre Torres não o impediram de faturar sua primeira Bola de Prata

NÉLSON COELHO

ALEXANDRE TORRES - ZAGUEIRO

GARANTIA VASCAÍNA

Com o beque em campo, o clube só foi derrotado uma vez em 1992

Durante todo o Campeonato Brasileiro havia uma parede na defesa do Vasco. Chamava-se Alexandre Torres. Enquanto esteve na defesa, seu time manteve-se disparado no primeiro lugar da tabela de classificação e garantiu a segunda melhor defesa da Primeira Fase, com catorze gols sofridos, contra treze do Bragantino. Assim foi até a 12.ª rodada, quando a partir do jogo contra a Portuguesa começou a acumular contusões, deixou a equipe em diversas partidas e viu, fora de campo, o início da decadência de sua equipe.

Para se ter uma idéia da importância do zagueiro para o time, basta lembrar que, com ele, o Vasco só foi derrotado uma vez no campeonato (pelo Guarani, por 2 x 1), e que sem ele houve mais três derrotas. Assim, não foi difícil assegurar sua primeira Bola de Prata na carreira, com média 6,35 em dezessete partidas. Ficou atrás apenas de Aílton, do Sport, o outro zagueiro premiado, que teve média 6,50.

E Torres só não assumiu um lugar na Seleção Brasileira devido às mesmas contusões que o afastaram do Vasco na reta de chegada. Ele foi até convocado pelo técnico Carlos Alberto Parreira para a Copa da Amizade, disputada no início de agosto nos Estados Unidos, mas acabou sendo cortado da delegação. Sua recuperação, no entanto, promete ser completa para o Campeonato Carioca. Por isso, os vascaínos têm certeza: poderão contar, novamente, com uma parede impedindo a entrada de atacantes em sua grande área.

VÁLBER - LATERAL-ESQUERDO

MUDOU PARA VENCER

Na lateral-esquerda, ele encontrou seu verdadeiro lugar e acabou como o melhor da posição

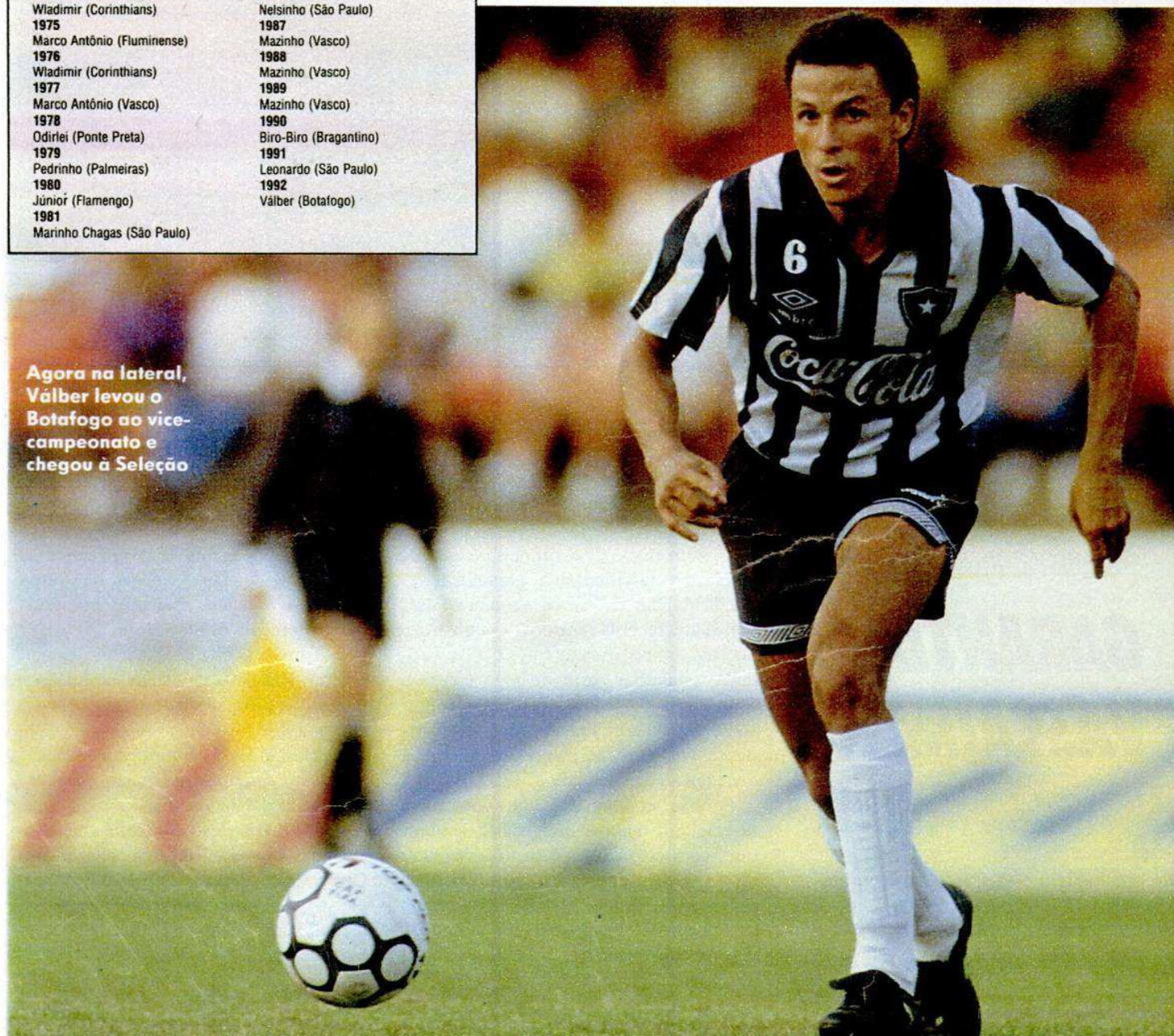
Nos tempos de Fluminense, de 1990 a 91, Válber não passava de um obscuro zagueiro de área. Chegando a Marechal Hermes, porém, transformou-se no curinga do time. Logo na primeira rodada do campeonato, na vitória por 3 x 1 sobre o Atlético Paranaense, em Caio Martins, ele foi escalado no meio-campo. Na partida seguinte, contra o Atlético, no Mineirão, ainda como volante, marcou até gol (o segundo da vitória por 2 x 0). Mas foi na quinta rodada, contra o Bahia, que apareceu pela primeira vez na lateral-esquerda para dali não sair mais.

Depois de ganhar a posição de Jéferson (que acabou vendido em julho para o Palmeiras) e de Marquinho, Válber passou a avançar nas notas da Bola de Prata com atuações cada vez mais seguras e convincentes, coincidindo com a ascensão do Botafogo, que chegou à final do campeonato. Terminou com média 6,25 em vinte partidas, bem à frente de Eduardo, do Vasco (6,19 em 21 jogos) e Piá, do Flamengo (6,12 em 26 jogos), seus mais diretos perseguidores.

Aos 25 anos, Válber tem outros motivos para comemorar: além de se juntar a outras feras da posição, como Júnior, Wladimir e Marinho Chagas, ganhadores do troféu em outros anos, o botafoguense acabou convocado outra vez para a Seleção Brasileira que disputou a Copa da Amizade, nos Estados Unidos.

LATERAIS-ESQUERDOS QUE GANHARAM A BOLA

Ano	Jogador
1970	Everaldo (Grêmio)
1971	Carlindo (Ceará)
1972	Marinho Chagas (Botafogo)
1973	Marinho Chagas (Botafogo)
1974	Wladimir (Corinthians)
1975	Marco Antônio (Fluminense)
1976	Wladimir (Corinthians)
1977	Marco Antônio (Vasco)
1978	Odirlei (Ponte Preta)
1979	Pedrinho (Palmeiras)
1980	Júnior (Flamengo)
1981	Marinho Chagas (São Paulo)
1982	Wladimir (Corinthians)
1983	Júnior (Flamengo)
1984	Júnior (Flamengo)
1985	Baby (Bangu)
1986	Nelsinho (São Paulo)
1987	Mazinho (Vasco)
1988	Mazinho (Vasco)
1989	Mazinho (Vasco)
1990	Biro-Biro (Bragantino)
1991	Leonardo (São Paulo)
1992	Válber (Botafogo)

Agora na lateral, Válber levou o Botafogo ao vice-campeonato e chegou à Seleção

Um nome constante entre os melhores: é Mauro Silva, rei no meio-campo do Bragantino

FOTOS RICARDO CORRÊA

MAURO SILVA - VOLANTE

UM BI SEM DISCUSSÃO

Bola de Ouro em 91, o camisa 5 fatura outra vez

Costuma-se dizer que os jogos mais difíceis são ganhos no meio do campo. Pelo menos nesse setor, o Bragantino pôde dormir sossegado nos últimos três campeonatos brasileiros: em todas as participações do clube reinou, absoluto, com a camisa 5, o volante Mauro Silva. Emérito destruidor de jogadas e bom arquiteto de contra-ataques do time do interior, ele tornou-se, aos 24 anos, uma unanimidade na posição em todo o Brasil.

Titular da Seleção Brasileira e nome freqüente em todas as convocações depois da Copa do Mundo na Itália, em 1990, Mauro conquistou pela segunda vez consecutiva a Bola de Prata, com média de 7,05 em 21 jogos pelo Campeonato Brasileiro de 1992. O que, para ele, não é novidade: em 1991, a excelente média de 7,31 em 21 jogos acabou lhe valendo sua primeira Bola de Ouro.

Depois de deixar para trás craques como César Sampaio (6,33 em dezoito jogos), seu companheiro de Seleção; surpresas como Dinho, do Sport (6,64 em catorze jogos), recém-contratado pelo São Paulo; e veteranos como Biro-Biro, do Guarani (6,43 em catorze partidas), Mauro Silva está de malas prontas: vai defender o La Coruña, da Espanha, ao lado do artilheiro Bebeto. E, certamente, reeditar suas belas atuações.

VOLANTES QUE GANHARAM A BOLA	
1970 Zanata (Flamengo)	**1982** Batista (Grêmio)
1971 Vanderlei (Atlético-MG)	**1983** Dema (Santos)
1972 Piazza (Cruzeiro)	**1984** Pires (Vasco)
1973 Pedro Omar (América-MG)	**1985** Dema (Santos)
1974 Dudu (Palmeiras)	**1986** Bernardo (São Paulo)
1975 Falcão (Inter)	**1987** Norberto (Inter)
1976 Toninho Cerezo (Atlético-MG)	**1988** Paulo Rodrigues (Bahia)
1977 Toninho Cerezo (Atlético-MG)	**1989** Elzo (Palmeiras)
1978 Caçapava (Inter)	**1990** César Sampaio (Santos)
1979 Pires (Palmeiras)	**1991** Mauro Silva (Bragantino)
1980 Toninho Cerezo (Atlético-MG)	**1992** Mauro Silva (Bragantino)
1981 Zé Mário (Ponte Preta)	

Zinho lançava, fazia gols e ainda voltava para marcar: ao lado de Júnior, foi o melhor entre os meias

RICARDO CORRÊA

MEIAS QUE GANHARAM A BOLA

1970
Dirceu Lopes (Cruzeiro) e
Samarone (Fluminense)
1971
Dirceu Lopes (Cruzeiro) e
Rivelino (Corinthians)
1972
Zé Roberto (Coritiba) e
Ademir da Guia (Palmeiras)
1973
Dirceu Lopes (Cruzeiro) e
Pedro Rocha (São Paulo)
1974
Mário Sérgio (Vitória) e
Zico (Flamengo)
1975
Carpegiani (Inter) e
Zico (Flamengo)
1976
Paulo César Lima (Fluminense) e
Paulo Isidoro (Atlético-MG)
1977
Adílio (Flamengo) e
Zico (Flamengo)
1978
Falcão (Inter) e
Adílio (Flamengo)
1979
Falcão (Inter) e
Jorge Mendonça (Palmeiras)
1980
Batista (Inter) e
Sócrates (Corinthians)
1981
Elói (Inter de Limeira) e
Paulo Isidoro (Grêmio)
1982
Pita (Santos) e
Zico (Flamengo)
1983
Paulo Isidoro (Santos) e
Pita (Santos)
1984
Romerito (Fluminense) e
Assis (Fluminense)
1985
Alemão (Botafogo) e
Rubén Paz (Inter)
1986
Pita (São Paulo) e
Jorginho (Palmeiras)
1987
Milton (Coritiba) e
Zico (Flamengo)
1988
Adílson Heleno (Criciúma) e
Bobô (Bahia)
1989
Raí (São Paulo) e
Bobô (São Paulo)
1990
Tiba (Bragantino) e
Luís Fernando (Inter)
1991
Júnior (Flamengo) e
Neto (Corinthians)
1992
Júnior (Flamengo) e
Zinho (Flamengo)

ZINHO - MEIA

UM PRÊMIO À PURA TÉCNICA

Seu mágico pé esquerdo liderou o jovem Flamengo campeão

A técnica com que domina a bola em seu pé esquerdo já era conhecida. Em 1992, no entanto, Zinho mostrou uma qualidade a mais. Jogando ao lado de diversos garotos recém-promovidos das categorias inferiores do Flamengo, o jogador deixou definitivamente a ponta-esquerda, posição em que atuou no início da carreira, e emprestou toda sua categoria ao meio-campo. De quebra, mostrou uma característica única para um jovem de 25 anos: foi um líder para os novatos rubro-negros.

Zinho, no entanto, não perdeu a característica que o fez explodir em 1987, quando conquistou seu primeiro título brasileiro (Copa União). Com um fôlego inesgotável, voltava para marcar, tornando-se o motor de sua equipe. Por isso, atropelou o colorado Marquinhos na reta final da luta pela Bola de Prata e, graças à bonificação de 0,20 por ser finalista, ganhou um dos troféus distribuídos aos meias — o outro foi para seu companheiro Júnior. Mais importante para os flamenguistas é a certeza que o próprio jogador garante ter: "Estou pronto para assumir o papel de líder da equipe quando Júnior abandonar o futebol".

Com sua velocidade e toques precisos para Valdeir, Renato foi o terror de sempre para as defesas

NÉLSON COELHO

RENATO GAÚCHO - ATACANTE

IRREVERENTE E VELOZ

Único representante do ataque botafoguense, o melhor do campeonato, o ponta chega a seu quinto troféu

Como apagar da memória botafoguense a lembrança daquela cena clássica, marca registrada da campanha do vice-campeonato brasileiro? De repente, lá estava Valdeir, surgido do nada, com uma velocidade sobre-humana para ganhar dos beques na corrida e empurrar a bola para as redes. O lançamento, no vazio, saía, momentos antes, dos pés de Renato, que, com a abençoada camisa 7 de Mané Garrincha, participou da maior parte dos 46 gols marcados pelo Botafogo, o melhor ataque do campeonato. Mas além de se destacar como um eficiente municiador do veloz Valdeir, Renato também deixou por seis vezes sua marca nas redes adversárias e conquistou pela quarta vez a Bola de Prata, com média 6,84 em 22 jogos (com a Bola de Ouro da Copa União, em 1987, chegou a cinco conquistas).

Desta vez, porém, o torcedor viu um Renato diferente dos anos anteriores (1984, pelo Grêmio, 1987 e 90, pelo Flamengo). Cansado de apanhar, tornou-se em 92 um surpreendente preparador de jogadas no Fogão. Do Renato de sempre só restou a irreverência — principal responsável por seu afastamento do time às vésperas do segundo jogo da decisão, contra o Flamengo, por causa de um churrasco de que participou ao lado do centroavante rubro-negro Gaúcho no dia seguinte à derrota alvinegra na primeira partida, por 3 x 0.

No ano da afirmação, Nélio fatura sua primeira Bola com a camisa 10 do Mengo, a mesma que foi de Zico

RICARDO CORRÊA

23.ª Bola de Prata

NÉLIO - ATACANTE

NOVA ARMA DO MENGO

Até o técnico Carlinhos o elegeu o principal jogador do Fla

A arma secreta do Flamengo não estava na habilidade do meio-campo, nem na segurança da defesa. Do lado esquerdo do ataque, a equipe decidiu a maior parte de seus jogos, inclusive os 3 x 0 da primeira partida decisiva contra o Botafogo. E não foi por acaso. Naquele setor, apesar de ser originalmente um centroavante, estava a velocidade de Nélio, abrindo caminho entre as defesas. Por isso, mesmo com todos os olhos voltados para o talento de Zinho e Júnior, o técnico Carlinhos não teve dúvidas em afirmar: "Nélio foi nosso melhor jogador durante a campanha".

A torcida rubro-negra também reconheceu o talento do jogador. Apesar da ausência na final contra o Botafogo, o Maracanã em peso gritou seu nome antes do início da partida, mostrando a justiça de sua escolha como o melhor atacante do Campeonato Brasileiro, vendo-o ganhar sua primeira Bola de Prata com média 6,91 em catorze jogos. Ficou à frente até dos consagrados Bebeto e Renato Gaúcho, os outros vencedores como atacantes, que atingiram a média 6,84.

Só lhe faltou, em 1992, um pouco de sorte. Em menos de três meses submeteu-se a duas cirurgias de joelho. Primeiro operou o direito. Depois de dois meses fora dos campos, voltou, mas se contundiu em um lance com o lateral Odemílson nos 3 x 0 contra o Botafogo e foi obrigado a voltar à mesa de cirurgia, desta vez para operar o joelho esquerdo. Quando voltar, no entanto, a camisa 10 que um dia foi de Zico estará à sua espera. E a torcida tem certeza de que ela continuará sendo honrada como foi no Brasileiro.

ATACANTES QUE GANHARAM A BOLA

Ano	Atacantes
1970	Vaguinho (Atlético-MG), Tostão (Cruzeiro) e Paulo César Lima (Botafogo)
1971	Antônio Carlos (América-RJ), Tião Abatiá (Coritiba) e Edu (Santos)
1972	Osni (Vitória-BA), Alberi (ABC-RN) e Paulo César Lima (Flamengo)
1973	Zequinha (Botafogo), Mirandinha (São Paulo) e Mário Sérgio (Vitória-BA)
1974	Osni (Vitória-BA), Luisinho (América-RJ) e Lula (Inter)
1975	Gil (Fluminense), Palhinha (Cruzeiro) e Ziza (Guarani)
1976	Valdomiro (Inter), Doval (Fluminense) e Lula (Inter)
1977	Tarciso (Grêmio), Reinaldo (Atlético-MG) e Paulo César Lima (Botafogo)
1978	Tarciso (Grêmio), Paulinho (Vasco) e Jésum (Bahia)
1979	Jorginho (Palmeiras), Roberto (Vasco) e Joãozinho (Cruzeiro)
1980	Botelho (Desportiva), Baltazar (Grêmio) e Mário Sérgio (Inter)
1981	Paulo César (São Paulo), Roberto (Vasco) e Mário Sérgio (Inter)
1982	Lúcio (Guarani), Careca (Guarani) e Biro-Biro (Corinthians)
1983	Jorginho (Palmeiras), Reinaldo (Atlético-MG) e Éder (Atlético-MG)
1984	Renato Gaúcho (Grêmio), Roberto (Vasco) e Tato (Fluminense)
1985	Marinho (Bangu), Careca (São Paulo) e Ado (Bangu)
1986	Sérgio Araújo (Atlético-MG), Careca (São Paulo) e João Paulo (Guarani)
1987	Renato Gaúcho (Flamengo), Renato (Atlético-MG) e Berg (Botafogo)
1988	Vivinho (Vasco), Nílson (Inter) e Zinho (Flamengo)
1989	Bismarck (Vasco), Bizu (Náutico) e Túlio (Goiás)
1990	Renato Gaúcho (Flamengo), Mazinho (Bragantino) e Careca (Palmeiras)
1991	Mazinho (Bragantino), Túlio (Goiás) e Careca (Palmeiras)
1992	Renato Gaúcho (Botafogo), Bebeto (Vasco) e Nélio (Flamengo)

23.ª BOLA DE PRATA

OS MELHORES DO BRASILEIRO

Confira abaixo os destaques de cada posição no campeonato, premiados com o troféu de PLACAR

GOLEIRO

1.º Gilberto (Spo) .... 7,00(19)
2.º Ricardo Cruz (Bota) ...... 6,80(20)
3.º Narciso (Gua) .... 6,79(14)
4.º Jéfferson (Flu) .... 6,72(18)
5.º Rodolfo Rodriguez (Port) .. 6,53(15)
6.º Gilmar (Fla) .... 6,39(27)
7.º Gilmar (Atl-PR) .... 6,37(19)
8.º Ronaldo (Cor) .... 6,35(23)
9.º Fernandez (Inter) .... 6,33(15)
10.º Paulo César (Cru) .... 6,29(21)

LATERAL-DIREITO

1.º Cafu (SP) .... 6,52(21)
2.º Paulo Roberto (Cru) ...... 6,48(21)
3.º Gustavo (Gua) .... 6,46(13)
4.º Cafezinho (Náu) .... 6,29(17)
5.º Luiz Carlos Winck (Vas) ... 6,19(21)
6.º Charles (Fla) .... 6,16(24)
7.º Gil Baiano (Bra) .... 6,10(21)
8.º Alfinete (Atl-MG) .... 6,06(18)
Célio Lino (Inter) .... 6,06(17)
10.º Dinho (San) .... 5,94(17)

ZAGUEIROS

1.º Aílton (Spo) .... 6,50(16)
2.º Alexandre Torres (Vas) ... 6,35(17)
3.º Júnior Baiano (Fla) .... 6,34(14)
4.º Pereira (Gua) .... 6,33(18)
5.º Antônio Carlos (SP) ...... 6,32(22)
6.º Rogério (Fla) .... 6,20(14)
7.º Vítor Hugo (Pay) .... 6,14(14)
8.º Sanderlei (Go) .... 6,13(15)
9.º Adílson (Cru) .... 6,10(10)
10.º Célio Silva (Inter) .... 6,06(16)

LATERAL-ESQUERDO

1.º Válber (Bota) .... 6,25(20)
2.º Eduardo (Vas) .... 6,19(21)
3.º Piá (Fla) .... 6,12(26)
4.º Biro-Biro (Bra) .... 6,06(18)
5.º Jorge Batata (Go) .... 5,87(15)
6.º Charles (Port) .... 5,86(16)
7.º Marcelo Sousa (Atl-PR) ... 5,67(12)
8.º Júnior (Spo) .... 5,64(14)
9.º Paulo Roberto (Atl-MG) ... 5,61(18)
Gilvan (Ba) .... 5,61(18)

VOLANTE

1.º Mauro Silva (Bra) .... 7,05(21)
2.º Dinho (Spo) .... 6,64(14)
3.º Biro-Biro (Gua) .... 6,43(14)
4.º Carlos A. Santos (Bota) .. 6,34(26)
5.º César Sampaio (Pal) ..... 6,33(18)
6.º Valmir (Gua) .... 6,25(16)
7.º Pingo (Bota) .... 6,20(25)
8.º Capitão (Port) .... 6,18(17)
9.º Simão (Inter) .... 6,15(13)
10.º Uidemar (Fla) .... 6,03(24)

MEIAS

1.º Júnior (Fla) .... 7,60(25)
2.º Zinho (Fla) .... 6,96(25)
3.º Marquinhos (Inter) .... 6,94(17)
4.º Edu (Pal) .... 6,63(16)
5.º Alberto (Bra) .... 6,58(19)
6.º Carlos Alberto Dias (Bota) .. 6,38(22)
Wallace (Go) .... 6,38(16)
8.º Raí (SP) .... 6,26(23)
Aílton (Gua) .... 6,26(19)
10.º Fagundes (Náu) .... 6,19(16)

ATACANTES

1.º Nélio (Fla) .... 6,91(14)
2.º Bebeto (Vas) .... 6,84(25)
Renato Gaúcho (Bota) ... 6,84(22)
4.º Valdeir (Bota) .... 6,65(22)
5.º Nílson (Port) .... 6,56(16)
6.º Túlio (Go) .... 6,44(18)
7.º Carlinhos (Atl-PR) .... 6,31(16)
8.º Chicão (Bota) .... 6,30(21)
9.º Moura (Spo) .... 6,28(18)
10.º Gérson (Inter) .... 6,27(15)

BOLA DE OURO

1.º Júnior (Fla) .... 7,60(25)
2.º Mauro Silva (Bra) .... 7,05(21)
3.º Gilberto (Spo) .... 7,00(19)
4.º Zinho (Fla) .... 6,96(25)
5.º Marquinhos (Inter) .... 6,94(17)
6.º Nélio (Fla) .... 6,91(14)
7.º Bebeto (Vas) .... 6,84(25)
Renato Gaúcho (Bota) ... 6,84(22)
9.º Narciso (Gua) .... 6,79(14)
10.º Jéfferson (Flu) .... 6,72(18)

* Os jogadores de Flamengo e Botafogo, por serem finalistas do campeonato, receberam uma bonificação de 0,20 em suas médias finais. Só estão na lista jogadores com o mínimo de doze partidas recebendo notas, como manda o regulamento.

OS CLUBES PREMIADOS

	BOLA DE PRATA	BOLA DE OURO	ARTILHEIROS	TOTAL
1º Internacional	30	4	3	37
2º Flamengo	23	4	3	30
3º São Paulo	21	3	2	26
4º Atlético-MG	19	3	1	23
5º Vasco	17	1	3	21
6º Cruzeiro	14	—	1	15
7º Santos	10	2	2	14
Palmeiras	14	—	—	14
9º Grêmio	12	1	—	13
10º Corinthians	12	—	—	12
11º Bragantino	9	1	—	10
Botafogo	10	—	—	10
13º Fluminense	9	—	—	9
14º Bahia	6	—	1	7
Guarani	6	—	1	7
Ponte Preta	7	—	—	7
17º Coritiba	6	—	—	6
Vitória-BA	6	—	—	6
19º Bangu	4	1	—	5
20º Goiás	2	—	1	3
21º Atlético-PR	1	1	—	2
Sport	2	—	—	2
América-RJ	2	—	—	2
Remo	2	—	—	2
25º ABC	1	—	—	1
América-MG	1	—	—	1
Ceará	1	—	—	1
Criciúma	1	—	—	1
Desportiva-ES	1	—	—	1
Fortaleza	1	—	—	1
Inter-SP	1	—	—	1
Joinville	1	—	—	1
Náutico	1	—	—	1
Operário-MS	1	—	—	1

CRAQUES MAIS PREMIADOS

	BOLA DE PRATA	BOLA DE OURO	ARTILHEIROS	TOTAL
Zico	5	2	2	9
Júnior	5	1	—	6
Falcão	3	2	—	5
Toninho Cerezo	3	2	—	5
Figueroa	4	1	—	5
Renato Gaúcho	4	1	—	5
Careca	3	1	1	5
Roberto Costa	2	2	—	4
Ricardo Rocha	3	1	—	4
Paulo Isidoro	3	1	—	4
Mário Sérgio	4	—	—	4
Paulo César Caju	4	—	—	4
Roberto Dinamite	3	—	1	4
Mauro Silva	2	1	—	3
Taffarel	2	1	—	3
Darío Pereyra	3	—	—	3
Dirceu Lopes	3	—	—	3
Jorginho	3	—	—	3
Marinho Chagas	3	—	—	3
Mazinho (Vasco)	3	—	—	3
Nelsinho	3	—	—	3
Pita	3	—	—	3
Reinaldo	2	—	1	3
Túlio	2	—	1	3
Wladimir	3	—	—	3

imagens

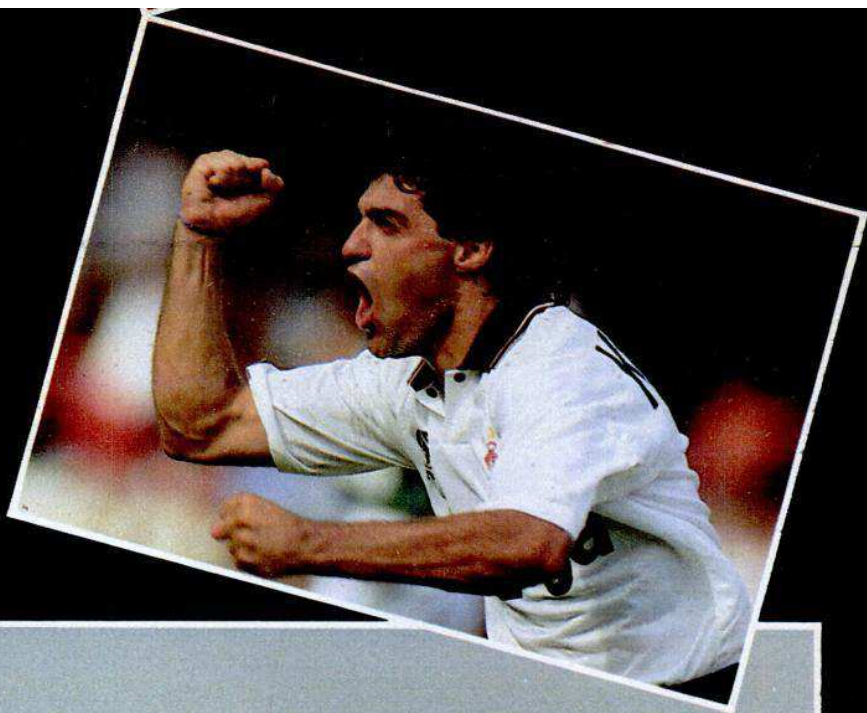
AS CORES DA EMOÇÃO

A vibração e o esforço pela vitória, a explosão de alegria pelo gol, os lances engraçados — tudo isso você encontra nas próximas páginas, pelas lentes sempre espertas de nossos fotógrafos

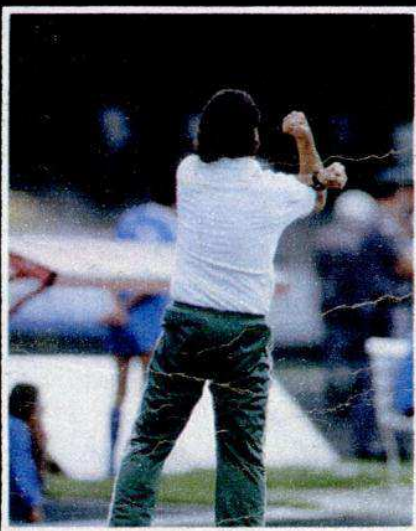
FOTOS RICARDO CORRÊA

Entre rivais, é muito mais gostoso

O campeonato é nacional, mas a rivalidade entre Corinthians e Palmeiras é cósmica. Por isso, marcar um gol numa partida dessas tem sempre um gostinho especial. Daí a vibração do corintiano Fabinho, autor do primeiro gol da vitória alvinegra de 2 x 1. Àquela altura, 11.ª rodada, os dois clubes lutavam para ficar entre os oito primeiros

FOTOS NELSON COELHO

Para ganhar do Braga, só na classe

Contra a defesa do Bragantino — a menos vazada do campeonato na média — pé na cara não adiantou, pois, canela com canela, goleiro e zagueiro garantiam o bicho. Para vencer Marcelo, só mesmo acertando a bola no ângulo, como fez o meia Neto *(foto maior)*

FOTOS RICARDO CORRÊA

Indeciso entre o balé e a quitanda

O médico do Palmeiras, Alberto Teixeira, ora comemorou gol do seu time como uma grande dama do balé ora, quando o caldo engrossou, apelou para bananas de dar água na boca em mico

O esforço está na cara, a vitória nem sempre

Valdeir foi o grande destaque do Botafogo. Rápido, hábil, inteligente, desequilibrou muitos jogos. Nas finais, apesar de todo o esforço e vontade de ganhar, acabou anulado pela raça rubro-negra

E os juízes ainda riram até o fim

Num campeonato de bom nível técnico, foram os juízes que pisaram feio na bola. Erraram para todos os lados e gostos. O catarinense Dalmo Bozzano até chegou a cair sentado na área do Santos no jogo contra o Flamengo. E achou tudo uma graça

Imagens

Antes do sonho acabar, a esperança em um abraço

As mortais cobranças de falta de Neto e a regularidade do goleiro Ronaldo quase levaram o esforçado time do Corinthians às finais. Não deu. Restou ao menos a emoção dos dois jogadores logo após o meia ter feito 1 x 1 contra o Bragantino, resultado que ainda enchia o torcedor de esperanças. Mas a virada não veio e o sonho alvinegro terminou

O flash que lá estoura não estoura como cá

Valdeir é o *The Flash*, por sua incrível rapidez; já o são-paulino Ronaldo é o "Armário", por seu físico avantajado. No duelo entre velocidade e massa, deu São Paulo, 3 x 0

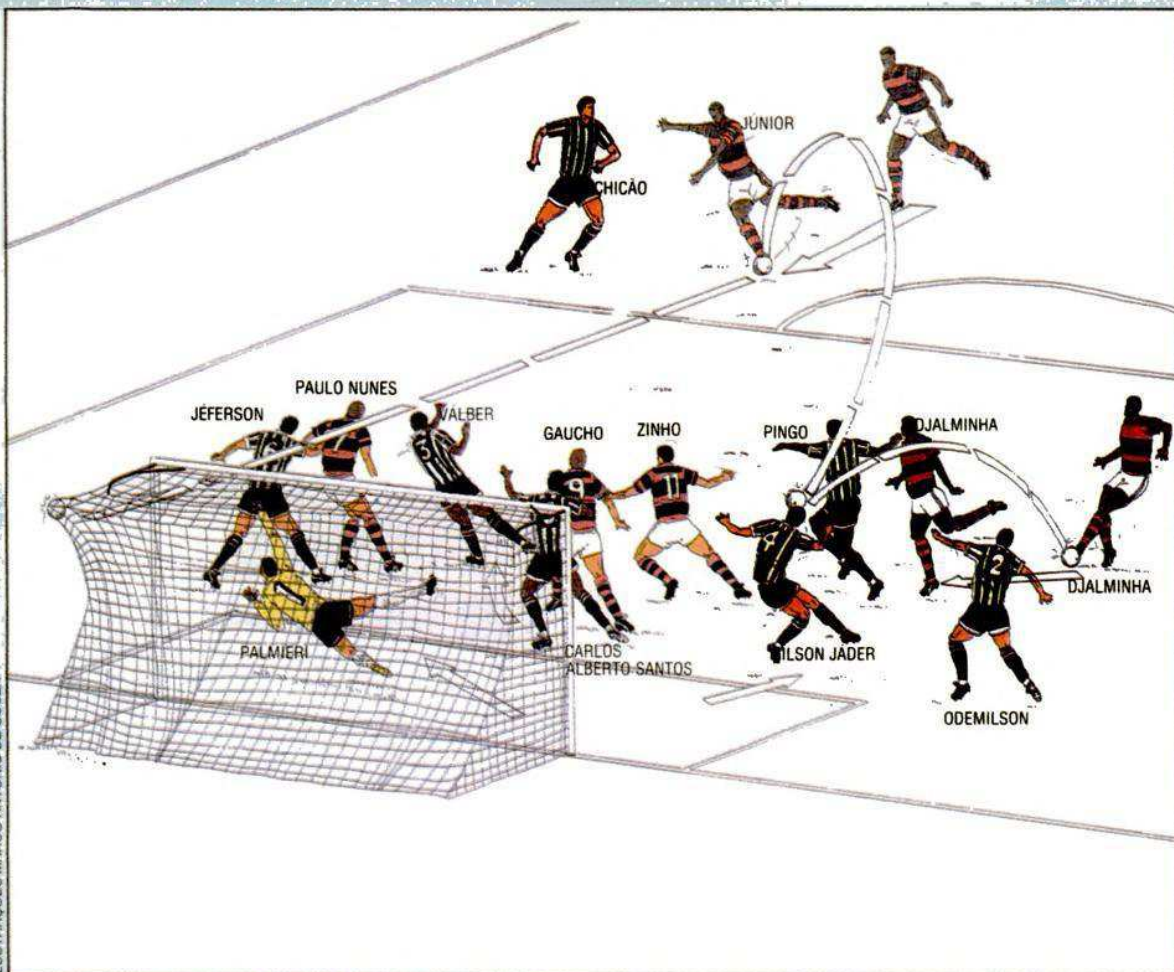
A VOLTA DO VERDADEIRO FUTEBOL-ARTE

Com gols fabulosos, que lembravam os bons tempos, o Campeonato Brasileiro resgatou o espetáculo

Vasco 3
Santos 3

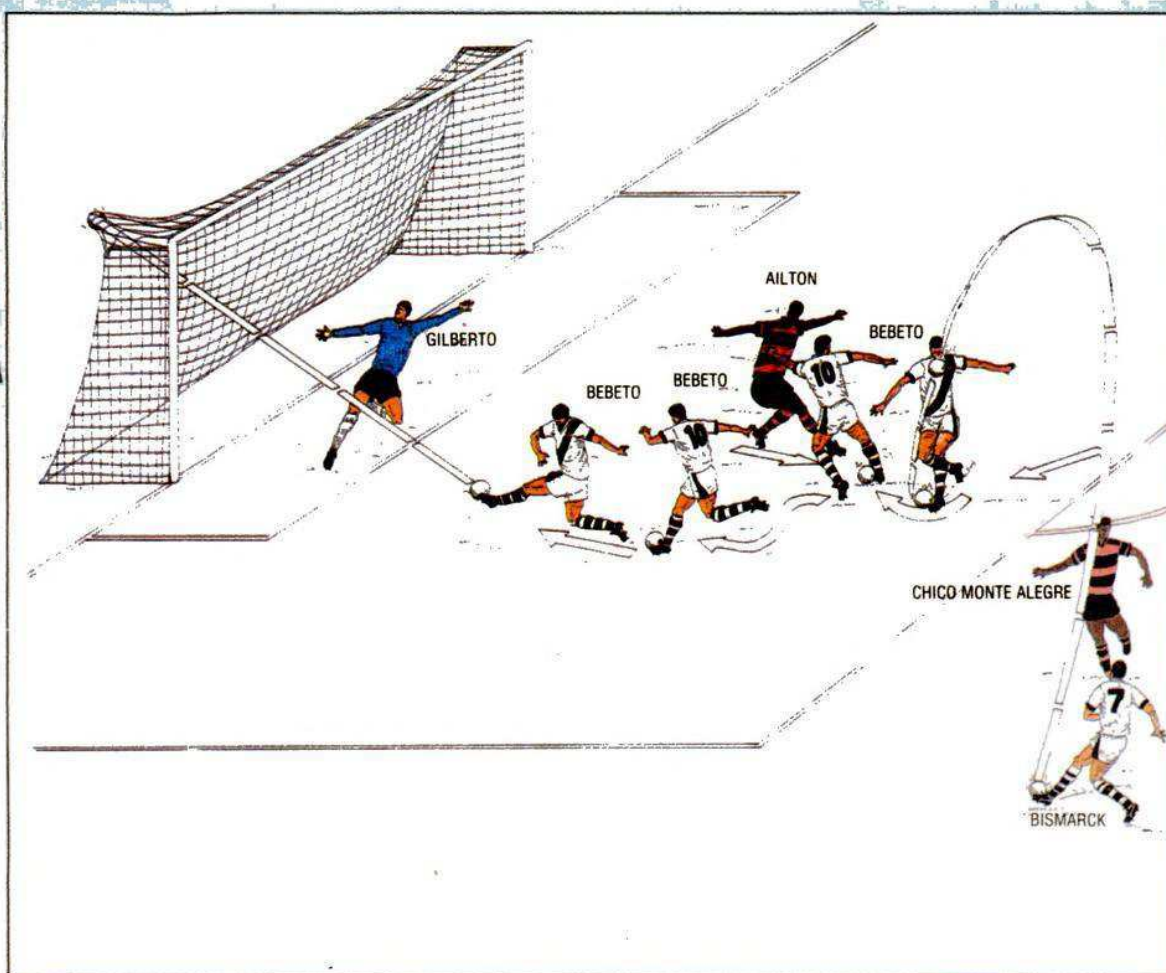
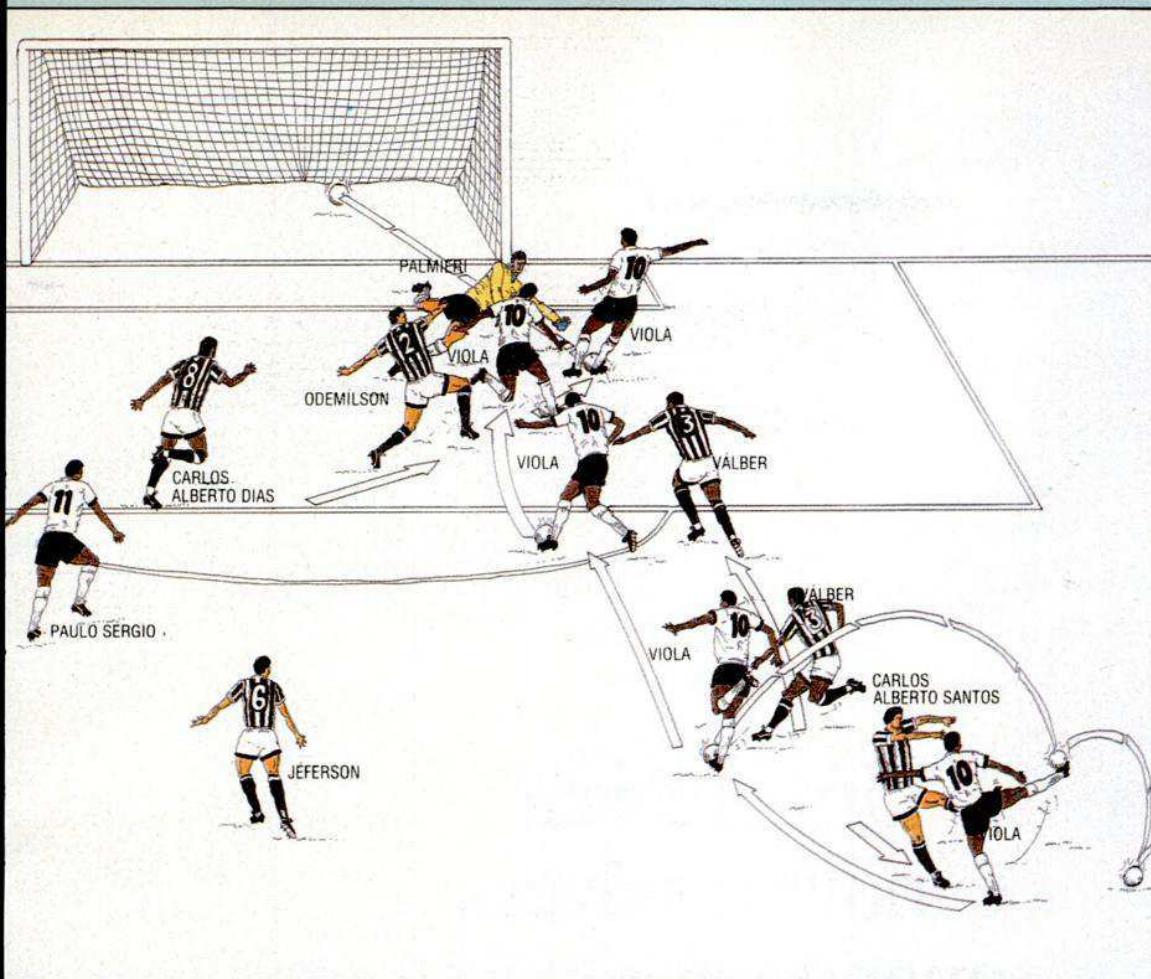
O Vasco vence por 3 x 2, mas o Santos não desiste. Almir vai até a linha de fundo e faz o cruzamento para Guga. Com uma matada no peito perfeita, o atacante santista ajeita para Paulinho, na entrada da área. O sem-pulo vai direto ao canto esquerdo de Régis, empatando o jogo em 3 x 3. Um golaço!

ILUSTRAÇÕES MARCO ANTONIO DE SOUZA

FOTOS ABRIL

Flamengo 2
Botafogo 2

O Flamengo vai ao ataque para reverter a vantagem de 1 x 0 do Botafogo. Djalminha, dentro da grande área, bate cruzado. Gílson Jáder alivia o perigo de cabeça, mas a bola sobra para Júnior, quase na intermediária. O chute é mortal, no ângulo esquerdo de Palmieri. Uma obra-prima para a história

Vasco 1
Sport 0

São 21 minutos do segundo tempo e o Vasco luta para furar a retranca do Sport. Bismarck lança Bebeto na marca do pênalti. O artilheiro mata no peito e ameaça sair para o lado direito. No meio do caminho, vira o corpo para a esquerda. O zagueiro fica para trás e Bebeto, na cara do gol. É só fuzilar!

Botafogo 2
Corinthians 4
Viola dá um lençol em Carlos Alberto Santos e dispara em velocidade. Ganha na corrida de Válber e entra na área, perseguido por Odemílson. O goleiro Palmieri sai em seus pés e Viola dá um toque sutil entre o corpo do goleiro e a trave. É o segundo da goleada

Náutico 0
Atlético-MG 4
Claudinho lança Edmar entre dois zagueiros. O atacante não se intimida. Passa pelo primeiro e vai driblando o zagueiro Freitas em ziguezague, até sair pelo lado esquerdo. Freitas fica no chão e Edmar toca na saída do goleiro Mauri, tirando o Galo da lanterna da tabela

EDITORA ABRIL - EDIÇÃO 1 189
ANO 24 - Nº 27 -
3 DE JULHO DE 1991

veja

Rosane, PC Farias, Geraldo Bulhões (governador de Alagoas), Collor, Leopoldo Collor e Claudio Humberto

A REPÚBLICA DE ALAGOAS

Como a turma de Collor está fazendo e acontecendo

O QUE PINTA DE NOVO

Aqui, as três principais surpresas do campeonato. Juntos, eles trouxeram sangue novo para o futebol brasileiro

Com oito gols e muita categoria, o atacante virou titular do Vasco e tornou-se a maior esperança da torcida

EDMUNDO

UM CRAQUE PARA AMANHÃ

Modéstia não é seu forte. "Se entrar com a bola dominada dez vezes, passarei pelo zagueiro pelo menos em oito", garante. Com a bola nos pés, no entanto, Edmundo Alves de Souza Neto provou durante o Campeonato Brasileiro que não é fraco. Aos 21 anos, entrou no time do Vasco, conquistou a condição de titular e se tornou vice-artilheiro da equipe com oito gols, atrás apenas de Bebeto.

E, desde sua estréia, Edmundo mostrou que não se tratava de um jogador comum. Requisitado pelo técnico Nelsinho ao time de juniores para substituir Bismarck, que estava na Seleção Olímpica, foi logo escalado para o jogo contra o Corinthians, no Pacaembu, na 1.ª rodada do Brasileiro. Entrou e não decepcionou. Foi até escolhido como um dos melhores em campo.

Por isso, os zagueiros logo perceberam suas qualidades e passaram a persegui-lo em campo, na maioria das vezes com muita violência. E Edmundo nem sempre levou desaforo para casa. Na derrota vascaína por 2 x 0 para o Flamengo, levou um soco de Júnior Baiano em frente ao bandeirinha. Percebendo que o auxiliar do árbitro não tomaria qualquer providência, retribuiu na mesma moeda. "Aprendo muito com esse tipo de coisa", garante.

Mas foi pelo talento que chamou a

Driblando em velocidade ou fazendo gols, o mineirinho consagrou-se no Brasileiro e já garantiu lugar na Seleção Brasileira

atenção do técnico Carlos Alberto Parreira e acabou convocado para a disputa da Copa da Amizade, nos Estados Unidos, no início de agosto. Por isso, não se importa com as críticas dos que dizem que retém demais a bola. Com personalidade, assume o estilo e desdenha: "Sei dominar a bola e vou preservar o meu estilo", afirma. A torcida do Vasco espera que sim e, desde já, se mostra feliz com a perspectiva de poder contar, daqui a alguns anos, com um dos melhores jogadores do país.

PALHINHA

MAIS UM COBRA NO MORUMBI

O jogo contra o Botafogo no Morumbi parecia uma ameaça para o São Paulo. O time carioca era o líder do campeonato com 24 pontos e o tricolor paulista não teria Raí em campo pela primeira vez em seis meses. Bastou a bola chegar aos pés de seu substituto, porém, para a torcida perceber que não tinha razões para temer. Com um futebol veloz e eficiente, o meia Palhinha destroçou a defesa alvinegra, marcando um gol e dando passes para os outros dois na vitória por 3 x 0.

A camisa 10 voltou às costas de Raí nas rodadas seguintes, mas nunca mais houve dúvidas de que o jovem meia, emprestado pelo América-MG no início do ano por 75 mil dólares, tinha lugar na equipe. Um lugar, aliás, que já vinha conquistando aos poucos desde sua estréia contra o Santos, na 1.ª rodada. Só foi criticado, e ain-

ALBARI ROSA

Com habilidade, o meia comandou o Atlético-PR e foi até artilheiro

da assim injustamente, desde então, após a derrota por 4 x 0 para o Palmeiras. Telê Santana o escalou na meia-direita, abdicando do volante Suélio e expondo a defesa ao ataque alviverde. Os críticos menos atentos não pouparam Palhinha, sem sequer notar que as duas chances concretas de gol são-paulino saíram de seus pés, em lançamentos para Raí. "Naquela partida nada deu certo para ninguém. Por isso as críticas surgiram", diz o jogador.

Palhinha foi o artilheiro da Taça Libertadores com sete gols e de seu time no Campeonato Brasileiro, ao lado de Müller e Raí, com cinco. Por isso, a diretoria prorrogou seu empréstimo até o final do ano, pagando mais 75 mil dólares, deixando claro, no entanto, que completará os 400 mil dólares em que está estipulado seu passe em dezembro. A convocação para a Seleção e uma frase do volante Pintado, porém, mostram que Palhinha já é mais do que nunca um são-paulino. "No São Paulo tem cobrinha como eu e cobrão como Raí", resume o volante. "Palhinha já é um dos cobrões."

NEGRINI

O REGENTE DO MEIO-CAMPO

Os torcedores do Internacional e do Grêmio jamais perdoarão as diretorias de seus times. Durante quatro anos, um dos jogadores mais talentosos do último Campeonato Brasileiro desfilou pelos campos do interior gaúcho. Passou pela Primeira e Segunda Divisões, mas nenhum clube do Estado quis buscá-lo. Foi preciso os dirigentes do Atlético-PR irem até Ijuí para arrematar seu passe por 60 mil dólares, por empréstimo. Aí, não foi preciso muito para que seu nome aparecesse em todo o país: Negrini.

A habilidade, trazida dos tempos em que jogava futebol de salão pela Enxuta, de Caxias, já fazia vítimas mesmo no Rio Grande do Sul. Em 1990, por exemplo, com a experiência adquirida na segundona gaúcha (jogara pelo Pradense, de Antônio Prado, e Brasil, de Farroupilha), levou o São Luís de Ijuí à Primeira Divisão. No ano seguinte, disputou a Taça Governador do Estado (que indicou um representante gaúcho para a Copa do Brasil de 1992) e fez do São Luís o segundo colocado, atrás apenas do Internacional. Gremistas e colorados, no entanto, não se interessaram em pagar os 150 mil dólares exigidos pelo clube do interior para ter seu passe.

Aos 24 anos, esse gaúcho de Sananduva chegou então ao Atlético-PR e foi um dos poucos a se salvar na vexatória campanha da equipe de Curitiba, 15.ª colocada no Nacional. Foi inclusive um dos artilheiros atleticanos, com cinco gols, ao lado de Ozias e Renaldo. Isso, além de organizar todas as jogadas de ataque de sua equipe, mostrando por que recebeu a camisa 10.

O Atlético-PR, é claro, acabou concretizando sua contratação ao final do empréstimo, em 31 de julho, mas o jogador já deixou claro que seu destino será, em breve, um clube de grande porte do futebol brasileiro. "Estou fazendo planos para deixar Curitiba", afirma ele, alegre com o rumo de sua carreira. Motivos para essa alegria é que não faltam. Negrini não está sequer disputando o Campeonato Paranaense, aguardando sua transferência. E garante estar pronto para levar a habilidade de seu futebol a torcidas muito maiores.

RETROSPECTO

Depois de quase cinco meses de bola correndo, é hora de recordar com frieza os erros, os destaques e as principais emoções da campanha do seu time no Campeonato Brasileiro deste ano

SURPREENDENTE INCOMPETÊNCIA

Acostumado às boas campanhas de seu time em campeonatos nacionais, o torcedor do **Atlético-MG** não entendeu, até agora, o porquê de uma classificação tão baixa (13.º lugar, com 18 pontos em 19 jogos, a pior desde 1984, quando o Galo terminou em vigésimo). Nem a troca de técnicos (Jair Pereira por Vantuir) e uma vitória sobre o arquiinimigo Cruzeiro (2 x 0, na 11.ª rodada) levantaram o moral dos veteranos Edmar, Edivaldo & Cia.

PAZ SÓ NAS APARÊNCIAS

O **Atlético-PR** foi um dos times que mantiveram seu treinador da primeira à última rodada. Em princípio, isso pareceria um sinal de que tudo correu bem em Curitiba. Puro engano. Desde o início do ano, a torcida fez protestos para tirar Geraldo Damasceno da direção da equipe. E o Atlético não passou do 15.º lugar na classificação geral. Para piorar, o time foi vítima da segunda maior goleada do campeonato (5 x 0 para o São Paulo, no Morumbi). De positivo, só ficaram as participações de Carlinhos, hoje no Palmeiras, e do meia Negrini.

NÉLSON COELHO

Um ataque competente não bastou ao Botafogo: faltou regularidade na hora de decidir

ATACAR É PRECISO MAS NÃO É O MAIS IMPORTANTE

Os números da campanha do **Botafogo** no vice-campeonato brasileiro são dignos de um vencedor — pelo menos do meio-campo para a frente: foram quinze vitórias em 27 jogos, com 46 gols marcados. Nenhum outro clube, nem o Flamengo campeão, ganhou mais ou fez mais gols. Por que, então, o título acabou não vindo? "Já no campeonato estadual nossa equipe fazia muitos gols, só que também levava outros tantos", sinaliza o técnico Gil.

De fato, o rendimento da defesa botafoguense (que sofreu 32 gols em 27 jogos, mais de um por partida) jamais acompanhou o desempenho do ataque. Pior: quanto mais o time avançava para as fases finais, mais peças de frente a equipe perdia pelo caminho: primeiro foi o artilheiro Chicão, contundido às vésperas da semifinal contra o Cruzeiro; depois, Renato, afastado da segunda partida da decisão. Por essas e outras, o sonho do título inédito terminou, outra vez, adiado.

EX-CAMPEÃO À BEIRA DO ABISMO

O título de 1988 fez a torcida baiana imaginar que teria, a partir de então, um time competitivo a cada temporada. Ledo engano. Em 1992, o **Bahia** não mostrou mais do que uma dupla de jogadores habilidosos (Naldinho e Marcelo), que, perdidos entre jogadores taticamente desorganizados, nada conseguiram fazer. Não adiantou nem mudar de técnico. Luís Antônio deixou o clube após a 6.ª rodada, cedendo seu lugar para Procópio Cardoso. Mesmo assim, a equipe continuou confusa e conseguiu apenas quatro vitórias em toda a temporada, ficando em 18.º lugar. E o centroavante Marcelo, autor de oito gols no Campeonato Brasileiro e artilheiro do tricolor baiano, foi a única revelação. Uma das poucas esperanças do clube para repetir a campanha de 1988 nas temporadas que ainda estão por vir.

NÉLSON COELHO

O paredão do Bragantino: só faltava gente, mesmo, do meio do campo para a frente

SOBROU CAUTELA, FALTARAM OS GOLS

Cautela nunca é demais — aí está uma expressão que jamais poderia ser aplicada para a participação do **Bragantino** em seu terceiro campeonato nacional, onde entrou com a fama de vice-campeão do ano passado. Porque, se é verdade que a defesa manteve a constância das outras temporadas (foi a melhor, com menos de um gol tomado por jogo), o ataque negou fogo. Os escassos dezesseis gols da Primeira Fase serviram para chegar às Semifinais, mas, como a improdutividade de Tiba, Marco Aurélio & Cia. prosseguiu, o time entrou na última rodada dependendo das pernas alheias: precisava vencer o Cruzeiro no Pacaembu, e, ao mesmo tempo, torcer por uma derrota do Botafogo para o Corinthians, no Maracanã. Cumpriu a sua parte — mais uma vez, com um golzinho solitário —, mas ficou longe da final.

RICARDO CORRÊA

O Timão dependia de Neto
Desta vez, não bastava

MUDANÇAS NO MEIO DO CAMINHO

Depois de uma campanha apenas regular na Primeira Fase — quarto lugar, com 22 pontos —, as derrotas logo de cara para Botafogo e Bragantino, nas Semifinais, pareceram aniquilar o **Corinthians.** Foi quando a diretoria resolveu dispensar antigos titulares, como Guinei e Jairo, e dar uma prensa em quem ficou. A medida surtiu efeito — duas vitórias contra o Cruzeiro recolocaram o Timão no páreo —, mas por pouco tempo: não passar por Bota e Braga, nos jogos de volta, foi fatal para o Timão.

A gana de Biro-Biro por pouco não ressuscita o Guarani: uma bela reação do Bugre

JOGANDO PARA SAIR DO ZERO

O **Cruzeiro** bem que tentou de tudo para sair do zero — da contratação do técnico Jair Pereira, que veio do rival Atlético no meio do campeonato, à ressurreição das camisas brancas, com que o time disputou os últimos três jogos das Semifinais. Nada disso, porém, impediu que terminasse como o último da Segunda Fase (dois pontos ganhos). No final, uma campanha sem saldo: 25 gols marcados, 25 sofridos, tudo isso em 25 jogos.

QUEBRA-PAU NO FIM DA FESTA

Para o **Fluminense**, o Brasileiro de 1992 terminava naquela tarde de domingo de 10 de maio, quando, ao empatar em casa com o Sport em 1 x 1, seu time dava adeus à classificação para a Segunda Fase. O pior, contudo, ainda estava por vir: terminado o jogo, seus torcedores depredaram a sede do clube e o Estádio das Laranjeiras. Um triste final para uma campanha ainda pior: em dezenove jogos, só cinco vitórias.

ADEUS AOS GOLS DE TÚLIO

Se há alguma coisa que mereça destaque na apagada campanha do **Goiás** (17.º colocado) é novamente o artilheiro Túlio, que há quatro campeonatos brasileiros faz a festa da torcida esmeraldina. Desta vez, ele que já foi o goleador do campeonato em 1989, com onze gols, despede-se com uma nova e respeitável marca: dez gols que lhe valeram, finalmente, a sonhada transferência para o futebol europeu (foi para o Sion, da Suíça).

A REAÇÃO VEIO TARDE DEMAIS

Quem assistiu às primeiras cinco rodadas do campeonato apontava o **Guarani** como sério candidato à lanterna — dos dez pontos disputados, não ganhou nenhum. Na penúltima rodada, porém, o mesmo Bugre aparecia como candidato a uma das oito vagas nas Semifinais, com dezoito pontos ganhos dos últimos 24 disputados. Não havia, no entanto, tempo para mais tropeços — e a derrota final, em casa, para o Atlético-MG, interrompeu a bela reação.

De azul ou branco, o Cruzeiro não conseguiu nenhum saldo: fez tantos gols quanto tomou

FOTOS NÉLSON COELHO

Gérson, um artilheiro sob suspeita: nem seus gols salvaram a fraca campanha colorada

BOATOS E INDIGNAÇÃO

Se não repetia as excelentes campanhas dos anos 70, o **Internacional** fazia o suficiente para não deixar o prestígio do futebol gaúcho cair no pó. E, até a metade do campeonato, manteve-se com chances de representar o Rio Grande do Sul entre os oito finalistas. Foi quando estourou o boato de que o centroavante Gérson, artilheiro do time na competição, seria portador do vírus da AIDS. Abatida, a equipe passou a perder pontos irrecuperáveis. Indignado, o atacante voltou a campo contra o Paysandu, em Belém, e respondeu às suspeitas marcando até gol. A derrota para o Flamengo, na 19.ª rodada, foi apenas a pá de cal em uma campanha limitada.

NINGUÉM TEVE MENOS VITÓRIAS

Palmeiras, Paysandu e Guarani encerraram o Campeonato Brasileiro com um triste recorde: são os únicos, entre os outros dezenove concorrentes, que conseguiram perder para o **Náutico.** Fora a goleada de 5 x 1 sobre os paraenses, um 2 x 0 no Guarani, logo no início do campeonato, e o discutido 1 x 0 sobre o Palmeiras, que acabou de vez com as chances de classificação do Verdão, o time pernambucano não fez mais nada de produtivo no Brasileiro. Apesar da troca dos técnicos Zé Mário por Mário Juliato no fim da Primeira Fase da competição.

Roupa nova e velhos traumas: era o Palmeiras de Dida

FOTOS NELSON COELHO

UMA CAMISA E MUITOS PROBLEMAS

A única novidade mostrada pelo **Palmeiras** no Campeonato Brasileiro nada teve a ver com técnica refinada e bola na rede. Foi a camisa listrada em verde e branco, adotada após o acordo de cooperação com a Parmalat. Dentro de campo, no entanto, o clube só teve problemas. Contratou Luís Henrique por 1 milhão de dólares e montou um dos times mais caros do Brasil, mas não conseguiu mostrar bom futebol. O Verdão ainda tentou reagir no final do campeonato, sem conseguir, porém, passar da modesta 11.ª colocação, fazendo sua pior campanha desde 1988.

DANIEL AUGUSTO JUNIOR

O ponta Almir contra o São Paulo: o ataque do Santos rendeu tudo na Segunda Fase

A ZEBRA MOSTROU QUE É GRANDE

A demissão do técnico Rubens Minelli na sexta rodada parecia mostrar que nem o mais experiente dos treinadores conseguiria fazer o **Santos** renascer. Foi quando o técnico Geninho assumiu o comando da equipe. Discretamente, o time foi somando pontos e, mesmo depois de ser considerado desclassificado com a derrota por 2 x 1 para o Cruzeiro, na Vila Belmiro, conseguiu forças para vencer o Bahia e empatar com o Vasco fora de casa, assegurando sua classificação. Ao entrar na Segunda Fase, tornou-se a grande zebra do campeonato: empatou em 3 x 3 com o Vasco no Maracanã, em um jogo histórico; venceu o Flamengo por 1 x 0 no Morumbi; e só foi eliminado na última rodada pelo rubro-negro carioca, que seria o campeão brasileiro. Sem grandes estrelas, o Peixe quase chegou lá à base de garra e dos gols de Paulinho.

A ALEGRIA DOS VISITANTES

Na Primeira Fase, a **Portuguesa** mandou nove dos dezenove jogos no seu estádio, o Canindé. Mesmo assim, somou apenas seis dos dezoito pontos possíveis. Não poderia, mesmo, chegar às Semifinais, já que o rendimento jogando fora, embora não fosse tão ruim, estava muito longe de compensar o prejuízo (somaram-se apenas mais nove pontos). A campanha seguiu conturbada com a troca do técnico Leão por José Carlos Galli e um alto número de expulsões de campo (a Lusa foi, ao lado de Cruzeiro e Santos, a equipe mais indisciplinada, com dez expulsões). Mais que isso: a 16.ª colocação igualou a vexatória campanha de 1990 e transformou a Portuguesa numa equipe singular: poucas vezes, jogando fora de seus domínios, os adversários tiveram tanta certeza de voltar para a casa com os almejados dois pontos.

TÉCNICO NÃO GANHA JOGO

O **Paysandu** também foi campeão. Apesar de terminar o campeonato na última colocação, o time foi líder do ranking das trocas de treinadores. Ao todo foram quatro (Jair Picerni, Luciano Veloso, Paulinho de Almeida e Marinho). Em média, o clube mudou de técnico a cada quatro jogos e meio. Nenhum deles evitou as derrotas, e o Paysandu só conseguiu mostrar uma coisa realmente boa para o resto do país: a sua inflamada torcida.

O Botafogo, vice-campeão, foi um dos que faturaram a Lusa jogando no Canindé

NELSON COELHO

Raí fez tudo para juntar o bi à conquista da Libertadores. Mas, no fim, o tricolor caiu

SEM FÔLEGO PARA DECIDIR

O grande problema do São Paulo em 1992 foi o excesso de jogos. Além de lutar pelo bicampeonato nacional, o tricolor foi obrigado a disputar a Taça Libertadores da América. Venceu, mas, sentindo-se com o dever cumprido e sem pernas para continuar lutando, acomodou-se na reta final do Brasileiro. Ainda chegou à sua última partida, contra o Vasco, em São Januário, dependendo apenas de uma vitória para ir à final, porém foi goleado por 3 x 0. "Era natural que a festa gerasse acomodação", assume o preparador físico Moraci Sant'Anna. Mas o time provou ser um dos melhores do futebol brasileiro.

DESTAQUES, SÓ NA DEFESA

Da participação do **Sport** no Campeonato Brasileiro de 1992, o torcedor do Recife deve guardar de bom apenas peças de seu sistema defensivo. Duas delas — o goleiro Gilberto e o zagueiro Aílton — entraram para sempre na galeria dos melhores jogadores da história do campeonato, ganhando a Bola de Prata de PLACAR. Eles foram responsáveis pela boa campanha até o fim da Primeira Fase, quando o time, que entrou com diminutas pretensões, ainda tinha chances de chegar entre os oito primeiros. Entretanto, na hora que precisou fazer gols, o Sport não foi tão feliz.

FOTOS DANIEL AUGUSTO JUNIOR

De nada valeu a arrancada do Vasco de Bismarck: só 3.° lugar

INJUSTIÇA NA RETA FINAL

O **Vasco** terminou o Campeonato Brasileiro com o mesmo número de pontos do Flamengo, mas tendo vantagem no saldo de gols. Em qualquer lugar do mundo, seria, na pior das hipóteses, o vice-campeão nacional, já que teve uma campanha inferior à do Botafogo. Como está no Brasil, no entanto, ficou apenas em terceiro lugar, um castigo para a brilhante campanha que realizou durante toda a Primeira Fase. Repetiu a performance de 1988, quando foi o líder da etapa inicial, mas acabou em quinto lugar na colocação geral. Tem como desculpa, este ano, os vários problemas de contusão que enfrentou no final.

TABELÃO

CAMPEONATO BRASILEIRO

FASE CLASSIFICATÓRIA

SEMIFINAIS
3.ª RODADA

GRUPO 1

27/junho/92

SANTOS 1 X SÃO PAULO 1

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Ulisses Tavares da Silva Filho (SP); Renda: Cr$ 367 020 000; Público: 33 042; Gols: Ivan 5 do 1.º; Almir 48 do 2.º; Cartão amarelo: Axel, Suélio, Luís Carlos e Almir; Expulsão: Luís Carlos, Palhinha e Axel

SANTOS: Sérgio(6), Índio(5), Castro(5), Luís Carlos(5) e Flavinho(6); Axel(7), Rogério(6) (Serginho(7)) e Ranieli(7); Almir(7), Paulinho(6) e Sérgio Manuel(5) (Guga(6)). Técnico: Geninho

SÃO PAULO: Zetti(8), Cafu(8), Adílson(6), Ronaldo(6) e Ivan(7); Suélio(6), Pintado(5) e Raí(7); Palhinha(6), Müller(6) e Elivélton(6) (Sídnei(5)). Técnico: Telê Santana

O JOGO: Aproveitando as várias falhas das defesas, os ataques criaram muitas chances de gol. O resultado foi um clássico emocionante em que o empate foi justo.

2.º TURNO
1.ª RODADA

GRUPO 2

BOTAFOGO 0 X BRAGANTINO 1

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 271 910 000; Público: 27 974; Gol: Gil Baiano 21 do 1.º; Cartão amarelo: Válber

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(5), Odemílson(5) (Pichetti(4)), Renê(4), Márcio Santos(4) e Válber(5); Carlos Alberto Santos(6), Pingo(6), Carlos Alberto Dias(5) e Valdeir(6); Renato Gaúcho(7) e Chicão(6). Técnico: Gil

BRAGANTINO: Marcelo(6), Gil Baiano(8), Júnior(6), Nei(7) e Ayupe(6); Mauro Silva(8), Donizetti(6) e Alberto(6); Mauricinho(6), Marco Aurélio(6) (Luís Müller(sem nota)) e Tiba(6) (João Santos(sem nota)). Técnico: Candinho

O JOGO: Cauteloso, o Botafogo sofreu um gol de falta na metade do primeiro tempo, não teve forças para furar a defesa paulista e ainda foi vítima de vários contra-ataques.

28/junho/92

CORINTHIANS 3 X CRUZEIRO 1

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: José Roberto Wright (SP); Renda: Cr$ 296 450 000; Público: 26 575; Gols: Viola 32 do 1.º; Édson 8, Viola 29 e Neto 42 do 2.º; Cartão amarelo: Andrade, Nonato e Marcelinho

CORINTHIANS: Ronaldo(6), Giba(5), Baré(6), Wílson Mano(6) e André Barbosa(6); Ezequiel(7), Marcelinho(6) e Neto(8); Paulo Sérgio(5) (Fabinho(6)), Viola(8) e Luciano(6) (Márcio(sem nota)). Técnico: Basílio

CRUZEIRO: Zé Carlos(7), Paulo Roberto(7), Paulão(5), Jonei(5) e Nonato(6); Rogério Lage(6), Andrade(6) (Aélson(sem nota)), Marco Antônio Boiadeiro(6) e Aguinaldo(5) (Ramón(sem nota)); Macalé(5) e Édson(7). Técnico: Jair Pereira

O JOGO: No tudo ou nada para decidir quem continuava com chances de correr atrás de Botafogo e Bragantino, o Corinthians foi sempre melhor. A quinze minutos do final, o Timão transformou um empate injusto em uma empolgante vitória.

1.º TURNO
3.ª RODADA

GRUPO 1

FLAMENGO 1 X VASCO 1

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Cláudio Vinicius Cerdeira (RJ); Renda: Cr$ 1 040 650 000; Público: 101 343; Gols: Júnior 37 do 1.º; Júnior (contra) 29 do 2.º; Cartão amarelo: Jorge Luís, Geovani, Luisinho, Nélio e Júnior Baiano

FLAMENGO: Gilmar(5), Charles(6), Júnior Baiano(6), Wílson Gottardo(6) e Piá(7); Uidemar(8), Júnior(7) e Zinho(6); Paulo Nunes(4) (Marcelinho(4)), Gaúcho(4) e Nélio(7). Técnico: Carlinhos

VASCO: Régis(4), Luiz Carlos Winck(6), Jorge Luís(8), Tinho(6) e Eduardo(6); Luisinho(7), Geovani(4) (Flávio(5)), Edmundo(6) e William(6) (Cássio(7)); Bismarck(6) e Bebeto(6). Técnico: Nelsinho

O JOGO: Depois de um primeiro tempo violento, a partida melhorou na segunda etapa, mas os gols saíram apenas através de falhas dos goleiros.

SEGUNDO TURNO
1.ª RODADA

GRUPO 1

1.º/julho/92

SÃO PAULO 1 X SANTOS 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 398 175 000; Público: 35 691; Gol: Macedo 9 do 1.º; Cartão amarelo: Ivan, Flavinho, Castro e Pintado.

SÃO PAULO: Zetti(7), Cafu(8), Antônio Carlos(8), Ronaldo(6) e Ivan(5); Adílson(5) (Suélio(6)), Pintado(6) (Marcos Adriano(6)) e Raí(6); Macedo(7), Müller(6) e Elivélton(7). Técnico: Telê Santana

SANTOS: Sérgio(8), Índio(6), Castro(5), Pedro Paulo(5) e Flavinho(6); Bernardo(6), Rogério(6) e Sérgio Manuel(6) (Serginho(7)); Almir(7), Paulinho(5) e Cilinho(5). Técnico: Geninho

O JOGO: O São Paulo jogou um futebol mais objetivo e consciente. Envolveu facilmente o Santos, que só conseguiu algumas chances na base do desespero.

VASCO 0 X FLAMENGO 2

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 834 815 000; Público: 82 532; Gols: Júnior 40 do 1.º; Nélio 39 do 2.º; Cartão amarelo: Júnior Baiano, Wílson Gottardo, Júnior, Zinho, Luisinho e William; Expulsão: Jorge Luís

VASCO: Régis(5), Luiz Carlos Winck(6), Jorge Luís(5), Tinho(6) e Eduardo(6); Luisinho(6), Flávio(5), William(5) (Cássio(sem nota)/Valdir(5)) e Edmundo(5); Bismarck(5) e Bebeto(5). Técnico: Nelsinho

FLAMENGO: Gilmar(7), Charles(6), Júnior Baiano(7), Wílson Gottardo(7) e Piá(6); Uidemar(7), Júnior(8), Zinho(7) e Nélio(7); Paulo Nunes(5) (Fabinho(5)) e Gaúcho(6) (Marcelinho(5)). Técnico: Carlinhos

O JOGO: Mais disposto, procurando superar suas deficiências, o Flamengo mereceu a vitória e contou com o azar do Vasco, que perdeu Cássio e Eduardo, contundidos. Além disso, teve muita sorte no gol de Júnior.

A festa foi do Flamengo de Gaúcho, pentacampeão brasileiro

RICARDO CORRÊA

2.ª RODADA

GRUPO 2

4/julho/92

CRUZEIRO 1 X BOTAFOGO 2

Local: Independência (Juiz de Fora); Juiz: Manuel Serapião Filho (BA); Renda: Cr$ 139 870 000; Público: 13 989; Gols: Valdeir 16 do 1.º; Luís Fernando 6 e Valdeir 13 do 2.º; Cartão amarelo: Marco Antônio Boiadeiro, Pichetti, Paulo Roberto e Valdeir; Expulsão: Paulão e Zelão

CRUZEIRO: Paulo César(6), Paulo Roberto(7), Paulão(4), Célio Lúcio(5) e Zelão(4); Ademir(6), Luís Fernando(6) e Marco Antônio Boiadeiro(6); Riva(5), Macalé(4) e Ramón(5) (Vanderci(sem nota)). Técnico: Jair Pereira

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(8), Marcão(7), Márcio Santos(7), Renê(7) e Odemílson(8); Carlos Alberto Santos(7), Carlos Alberto Dias (8) e Valdeir(9); Renato(8), Pichetti(4) (Vivinho(6)) e Pingo(6). Técnico: Gil

O JOGO: Sempre com o domínio da partida, o Botafogo liquidou o Cruzeiro em dois contra-ataques perfeitos. Méritos para Valdeir e Renato

GRUPO 1

SÃO PAULO 2 X FLAMENGO 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: José Roberto Wright (SP); Renda: Cr$ 455 235 000; Público: 42 597; Gols: Raí 6 e Palhinha 26 do 2.º; Cartão amarelo: Zetti, Ivan, Ronaldo e Marquinhos

SÃO PAULO: Zetti(8), Cafu(7) (Vítor(6)), Antônio Carlos(8), Ronaldo(7) e Ivan(7); Suélio(6), Pintado(6), Raí(7) e Macedo(6); Müller(6) e Elivélton(5) (Palhinha(7)). Técnico: Telê Santana

FLAMENGO: Gilmar(6), Charles(6), Rogério(7), Gélson(6) e Piá(6); Uidemar(5), Marquinhos(5) (Djalma(sem nota)) e Fabinho(5) (Júlio César(sem nota)); Paulo Nunes(6), Gaúcho(6) e Nélio(7). Técnico: Carlinhos

O JOGO: O primeiro tempo foi marcado pela monotonia. No segundo tempo, o São Paulo voltou mais determinado, aproveitou que a equipe do Flamengo estava desfalcada de Júnior Baiano, Wílson Gottardo, Júnior e Zinho, e venceu com justiça.

GRUPO 2

5/julho/92

CORINTHIANS 1 X BRAGANTINO 1

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 437 360 000; Público: 40 000; Gols: Alberto 18 e Neto 35 do 1.º; Cartão amarelo: Mauricinho, Mauro Silva e Ezequiel; Expulsão: Wílson Mano e Donizetti

CORINTHIANS: Ronaldo(6), Giba(5), Marcelo(6), Wilson Mano(7) e Jacenir(5); Ezequiel(6), Marcelinho(5) e Neto(7); Paulo Sérgio(6), Viola(4) (Fabinho(6)) e Luciano(6). Técnico: Basílio

BRAGANTINO: Marcelo(6), Gil Baiano(7), Júnior(6), Nei(5) e Ayupe(6); Mauro Silva(7), Donizetti(6) e Alberto(7); Mauricinho(6), Tuquinha(5) (Vágner Mancini(sem nota)) e Tiba(6). Técnico: Candinho

O JOGO: Excetuando-se a cobrança de falta de Neto em que saiu o gol de empate, o Corinthians pouco incomodou a defesa do Bragantino.

GRUPO 1

SANTOS 1 X VASCO 1

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: José Mocellin (RS); Renda: Cr$ 158 150 000; Público: 15 151; Gols: Edmundo 5 e Guga 36 do 2.º; Cartão amarelo: Alé, Flávio, Flavinho, Roberto Dinamite, Bernardo, Axel e Luiz Carlos Winck

SANTOS: Sérgio(6), Índio(6), Pedro Paulo(5), Luís Carlos(6) e Flavinho(6); Bernardo(5) (Marcelo Passos(sem nota)), Axel(5), Almir(5) e Cilinho(5); Serginho(6) (Guga(6)) e Paulinho(6). Técnico: Geninho

VASCO: Régis(5), Luiz Carlos Winck(6), Tinho(5), Alê(5) e Leandro(7) (Macula(sem nota)); Sídnei(6), Bismarck(6) e Bebeto(6); Edmundo(7) e William(5) (Roberto Dinamite(5)). Técnico: Nelsinho

O JOGO: No primeiro tempo, o Santos não conseguiu transformar as oportunidades que criou em gols. No segundo tempo, o Vasco marcou através de Edmundo num contra-ataque; a partir daí, a equipe santista se desesperou e só conseguiu o empate no final, na base da raça e oportunismo do centroavante Guga.

3.ª RODADA

GRUPO 1

8/julho/92

VASCO 3 X SÃO PAULO 0

Local: São Januário (Rio de Janeiro); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 51 330 000; Público: 4 586; Gols: Bebeto 10 do 1.º; Bismarck 1 e Edmundo 24 do 2.º; Cartão amarelo: Luisinho, Pintado e Antônio Carlos; Expulsão: Pintado

VASCO: Régis(6), Luiz Carlos Winck(6), Jorge Luís(6), Torres(7) (Toninho(sem nota)) e Sídnei(6); Luisinho(8), Flávio(5), Leandro(6) e Edmundo(6); Bismarck(7) e Bebeto(7). Técnico: Nelsinho

SÃO PAULO: Zetti(3), Cafu(5), Antônio Carlos(4), Ronaldo(4) e Ivan(3); Pintado(3), Suélio(4) (Vítor (sem nota)) e Raí(5); Macedo(4), Palhinha(4) e

CLASSIFICAÇÃO FINAL

	PG	J	V	E	D	GP	GC
1.º Flamengo	32	27	12	8	7	44	31
2.º Botafogo	34	27	15	4	8	46	32
3.º Vasco*	32	25	11	10	4	41	23
4.º Bragantino	32	25	12	8	5	22	17
5.º Corinthians*	27	25	10	7	8	32	29
6.º São Paulo	27	25	10	7	8	28	23
7.º Santos	26	25	8	10	7	30	27
8.º Cruzeiro	23	25	8	7	10	25	25
9.º Guarani	20	19	8	4	7	15	19
10.º Inter	20	19	7	6	6	19	20
11.º Palmeiras	19	19	8	3	8	23	17
12.º Sport	19	19	4	11	4	15	15
13.º Atlético-MG	18	19	6	6	7	15	18
14.º Fluminense	18	19	5	8	6	21	19
15.º Atlético-PR	16	19	5	6	8	19	32
16.º Portuguesa	15	19	4	7	8	21	26
17.º Goiás	15	19	4	7	8	23	34
18.º Bahia	14	19	4	6	9	20	24
19.º Náutico	13	19	3	7	9	17	29
20.º Paysandu	12	19	5	2	12	19	35

* O desempate entre Vasco e Bragantino e Corinthians e São Paulo obedeceu aos critérios de classificação da Segunda Fase (melhor campanha na primeira etapa do campeonato).

Müller(4) (Marcos Adriano(sem nota)). Técnico: Telê Santana

O JOGO: O São Paulo foi a São Januário mais preocupado em se proteger com truculentos seguranças e menosprezou o Vasco, que, ainda com chances de chegar à decisão, jogou com seriedade e poderia vencer por uma diferença de gols ainda maior.

FLAMENGO 3 X SANTOS 1

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 298 730 000; Público: 29 149; Gols: Nélio 22 do 1.º; Bernardo (contra) 13, Marcelo Passos 36 e Gaúcho 45 do 2.º; Cartão amarelo: Wílson Gottardo e Luís Carlos; Expulsão: Pedro Paulo

FLAMENGO: Gilmar(7), Fabinho(7), Júnior Baiano(5), Wílson Gottardo(6) e Piá(5); Uidemar(6), Júnior(8), Zinho(7) e Júlio César(7); Nélio(8) e Gaúcho(7). Técnico: Carlinhos

SANTOS: Sérgio(6), Índio(4), Pedro Paulo(3), Luís Carlos(6) e Flavinho(5); Bernardo(3) (Marcelo Passos (6)), Axel(4), Almir(7) e Cilinho(5); Paulinho(3) e Guga(5) (Serginho(6)). Técnico: Geninho

O JOGO: O Flamengo jogou mal e teve sorte para vencer o Santos, que poderia ter pelo menos empatado se contasse com seu artilheiro Paulinho, que perdeu até pênalti, em noite inspirada. A tradição de 'time de chegada pesou na hora da decisão e o Flamengo chegou à final.

GRUPO 2

9/julho/92

BOTAFOGO 1 X CORINTHIANS 0

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: José Roberto Wright (SP); Renda: Cr$ 270 665 000; Público: 26 944; Gol: Renê 33 do 1.º; Cartão amarelo: Jacenir, Renato, Ronaldo, Marcelo, Pingo e Neto. Expulsão: Embu

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(6), Odemílson(6), Renê(7), Márcio Santos(6) e Válber(5); Carlos Alberto Santos(4), Pingo(6), Carlos Alberto Dias(6) e Pichetti(4); Vivinho(3) (Jéferson Douglas(4)) e Renato Gaúcho(7). Técnico: Gil

CORINTHIANS: Ronaldo(3), Giba(5), Marcelo(4), Baré(5) e Jacenir(4); Embu(3), Ezequiel(5), Neto(4) e Tupãzinho(5); Paulo Sérgio(4) e Viola(3) (Fabinho(4)). Técnico: Basílio

O JOGO: Sem nenhuma chance de classificação, o Corinthians não ofereceu resistência ao Botafogo, que marcou o gol no primeiro tempo e, com tranqüilidade, administrou o resultado.

BRAGANTINO 1 X CRUZEIRO 0

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Antônio Pereira da Silva (GO); Renda: Cr$ 10 595 000; Público: 1 012; Gol: Tiba 5 do 2.º; Cartão amarelo: Nonato e Aguinaldo

BRAGANTINO: Marcelo(6), Gil Baiano(7), Júnior(6), Nei(6) e Ayupe(6); Vágner Mancini(6), Luís Müller(7) e Alberto(8); Mauricinho(6) (João Santos(sem nota)), Marco Aurélio(6) (Tuquinha(sem nota)) e Tiba(7). Técnico: Candinho

CRUZEIRO: Paulo César(7), Rogério Lage(6), Vanderci(5), Célio Lúcio(5) e Nonato(5); Ademir(6), Andrade(6) e Ramón(7); Riva(6), Macalé(5) (Aélson (sem nota)) e Aguinaldo(5) (Ramalho(sem nota)). Técnico: Jair Pereira

O JOGO: O Bragantino foi melhor e mereceu o resultado. Mas o desânimo pela vitória do Botafogo contra o Corinthians, que provocou a eliminação do time paulista, tornou a partida fria e desinteressante.

CLASSIFICAÇÃO DA SEGUNDA FASE

GRUPO 1	PG	J	V	E	D	GP	GC
1.º Botafogo	9	6	4	1	1	7	4
2.º Bragantino	8	6	3	2	1	6	4
3.º Corinthians	5	6	2	1	3	8	7
4.º Cruzeiro	2	6	1	0	5	5	11
GRUPO 2							
1.º Flamengo	7	6	3	1	2	7	5
2.º Vasco	6	6	1	4	1	10	9
São Paulo	6	6	2	2	2	6	7
4.º Santos	5	6	1	3	2	7	9

FINAL

1.º JOGO

12/julho/92

FLAMENGO 3 X BOTAFOGO 0

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz José Roberto Wright (SP); Renda Cr 1 590 611 000; Público: 102 547; Gols Júnior 15, Nélio 34 e Gaúcho 38 do 1. Cartão amarelo: Júnior Baiano, Valdeir Paulo Nunes e Wílson Gottardo; Expulsão: Márcio Santos

FLAMENGO: Gilmar(6), Fabinho(8) Júnior Baiano(6), Wílson Gottardo(6) Piá(8); Uidemar(7), Júnior(9) e Zinho(8); Júlio César(7), Gaúcho(7) e Nélio(8) (Paulo Nunes(sem nota)/Marcelinho(sem nota)). Técnico: Carlinhos

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(6), Odemílson(5), Renê(5), Márcio Santos(5) Válber(6); Carlos Alberto Santos(6) Pingo(6) e Carlos Alberto Dias(5); Renato Gaúcho(6), Valdeir(6) e Pichetti(5). Técnico: Gil

O JOGO: Com uma tranqüilidade surpreendente, o Flamengo deu um show de futebol, não permitiu chances ao Botafogo e conseguiu um grande passo rumo a seu quinto campeonato.

2.º JOGO

19/julho/92

BOTAFOGO 2 x FLAMENGO 2

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz José Roberto Wright (SP); Renda: Cr 1 854 863 000; Público: 122 001; Gols Júnior 42 do 1.º; Júlio César 10, Pichetti 38 e Valdeir (pênalti) 43 do 2. Cartão amarelo: Odemílson, Válber Pingo, Valdeir e Gaúcho; Expulsão: Renê e Wílson Gottardo

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(6), Odemílson(5), Renê(5), Márcio Santos(6) Válber(6); Carlos Alberto Santos(6) Pingo(5) e Carlos Alberto Dias(5); Vivinho(5) (Jéferson Gaúcho(sem nota)) Chicão(6) (Pichetti(7)) e Valdeir(7) Técnico: Gil

FLAMENGO: Gilmar(6), Charles(6) Gélson(7), Wílson Gottardo(6) e Fabinho(6) (Mauro(sem nota)); Uidemar(6) Júnior(9) e Zinho(9); Júlio César(7) Gaúcho(6) (Djalminha(sem nota)) Piá(7). Técnico: Carlinhos

O JOGO: O Botafogo iniciou a partida tentando bloquear todos os espaços. Mas era impossível segurar Flamengo, que, empurrado pela torcida, fez 2 x 0. Mesmo sofrendo empate no final, o rubro-negro garantiu o pentacampeonato brasileiro.

PRIMEIRA DIVISÃO

SEMIFINAL

25/junho/92

Santa Cruz 1 x Paraná 2

28/junho/92

Criciúma 2 x Vitória 1

2/julho/92

Vitória 3 x Criciúma 1

FINAL

5/julho/92

Paraná 2 x Vitória 1

12/julho/92

Vitória 0 x Paraná 1

O Paraná sagrou-se campeão da Primeira Divisão

RAIO-X DO CAMPEONATO

Todos os resultados, os gols, os artilheiros, médias de público, rendas e outros dados que movimentaram o Brasileiro

TODOS OS JOGOS DA PRIMEIRA FASE

Abaixo, os 190 confrontos que fizeram o Brasil conhecer os oito melhores times de 92

	ATLÉTICO-MG	ATLÉTICO-PR	BAHIA	BOTAFOGO	BRAGANTINO	CORINTHIANS	CRUZEIRO	FLAMENGO	FLUMINENSE	GOIÁS	GUARANI	INTERNACIONAL	NÁUTICO	PALMEIRAS	PAYSANDU	PORTUGUESA	SANTOS	SÃO PAULO	SPORT	VASCO
ATLÉTICO-MG	—																			
ATLÉTICO-PR	3X2	—																		
BAHIA	0X1	2X3	—																	
BOTAFOGO	2X0	3X1	3X1	—																
BRAGANTINO	1X2	1X1	0X0	2X0	—															
CORINTHIANS	1X0	1X0	2X0	4X2	1X1	—														
CRUZEIRO	0X2	4X0	1X1	1X1	3X0	0X0	—													
FLAMENGO	1X1	2X0	1X1	2X2	0X1	3X1	1X2	—												
FLUMINENSE	1X0	0X1	2X1	1X2	3X0	0X1	1X1	1X1	—											
GOIÁS	0X0	0X2	1X1	0X6	0X2	4X2	0X2	1X3	2X2	—										
GUARANI	0X1	1X1	0X0	2X1	2X0	1X0	0X2	1X3	0X0	0X0	—									
INTERNACIONAL	2X0	1X1	1X1	0X2	0X1	1X1	2X0	0X2	1X0	2X1	0X1	—								
NÁUTICO	0X4	0X0	0X3	2X3	0X1	0X2	0X0	0X0	1X1	2X4	2X0	2X2	—							
PALMEIRAS	1X1	1X0	1X0	0X2	0X1	1X2	1X0	1X2	3X0	3X0	0X1	1X4	0X1	—						
PAYSANDU	0X0	2X3	0X4	0X2	1X3	1X2	1X0	1X4	0X1	2X1	3X0	0X1	1X5	0X0	—					
PORTUGUESA	0X1	2X0	1X2	1X3	0X1	3X2	1X1	1X1	2X2	1X1	1X2	1X1	3X1	0X2	2X3	—				
SANTOS	0X0	2X2	2X0	0X2	0X1	1X1	1X2	2X0	0X4	0X1	1X0	4X0	2X0	1X1	2X1	2X0	—			
SÃO PAULO	2X0	5X0	2X1	3X0	0X0	0X0	2X0	2X3	1X0	1X1	0X1	0X1	2X0	0X4	0X3	0X1	1X1	—		
SPORT	0X0	1X1	0X1	1X0	0X0	0X0	0X0	2X1	1X1	2X5	3X1	0X0	0X0	0X2	3X0	0X0	2X2	0X0	—	
VASCO	4X0	2X0	3X1	2X1	0X0	4X1	0X1	4X2	1X1	1X1	1X2	2X0	1X1	2X1	2X0	1X1	0X0	0X1	1X0	—

SEMIFINAIS

GRUPO 1

	FLAMENGO	SANTOS	SÃO PAULO	VASCO
FLAMENGO	—			
SANTOS	1x0/1x3	—		
SÃO PAULO	0x1/2x0	1x1/1x0	—	
VASCO	1x1/0x2	3x3/1x1	2x2/3x0	—

GRUPO 2

	BOTAFOGO	BRAGANTINO	CORINTHIANS	CRUZEIRO
BOTAFOGO	—			
BRAGANTINO	1x1/1x0	—		
CORINTHIANS	0x1/0x1	1x2/1x1	—	
CRUZEIRO	1x2/1x2	1x0/0x1	1x3/1x3	—

FINAIS

	BOTAFOGO
FLAMENGO	3x0/2x2

MÉDIAS DE PÚBLICO DO CAMPEONATO

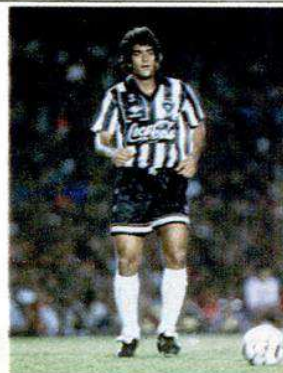
Entre parênteses, o número de jogos de cada clube

Clube	Total de público	Média de público
FLAMENGO (27)	1 139 277	42 195
BOTAFOGO (27)	700 683	25 951
VASCO (25)	629 496	25 179
CORINTHIANS (25)	528 881	21 155
SÃO PAULO (25)	526 342	21 053
CRUZEIRO (25)	510 123	20 404
INTERNACIONAL (19)	338 741	17 828
SANTOS (25)	368 852	14 754
SPORT (19)	276 340	14 544
ATLÉTICO-MG (19)	269 994	14 210
PALMEIRAS (19)	264 268	13 908
PAYSANDU (19)	242 093	12 742
FLUMINENSE (19)	232 673	12 245
BRAGANTINO (25)	274 759	10 990
GOIÁS (19)	204 041	10 739
PORTUGUESA (19)	172 630	9 085
BAHIA (19)	150 909	7 943
NÁUTICO (19)	135 059	7 109
GUARANI (19)	131 569	6 925
ATLÉTICO-PR (19)	103 287	5 436

TOTAL DE PÚBLICO

MÉDIA DE PÚBLICO

OS CAMPEÕES DE INDISCIPLINA

O Campeonato Brasileiro registrou 111 expulsões e teve seis campeões da indisciplina: Renê (foto), do Botafogo; Ademir, do Cruzeiro; Missinho, do Guarani; Nad, do Paysandu; e Axel e Pedro Paulo, do Santos.

NÉLSON COELHO

Cada um deles foi expulso três vezes. Entre os clubes, Santos, Cruzeiro e Portuguesa foram recordistas, com dez jogadores expulsos cada. Mais assustadora, no entanto, é a comparação com 1991, quando houve apenas 72 expulsões, 54,1% menos do que nesta temporada.

VASCÃO É O DONO DOS GOLS

Como Bebeto foi o goleador do ano, no Brasileiro, com dezoito gols, o Vasco é agora o dono de um novo recorde: nenhum outro clube do país possui o mesmo número de artilheiros do campeonato que ele. Bebeto foi o quarto da galeria de matadores cruzmaltinos, que já contava com os nomes de Roberto, em 1974 (16 gols) e 1984 (também 16) e do centroavante Paulinho, que marcou 19 vezes no Brasileirão de 1978.

MÉDIAS DE PÚBLICO ANO A ANO

ANO	PÚBLICO TOTAL	JOGOS	MÉDIA
1971	4 662 417	229	20 360
1972	6 191 982	352	17 591
1973	10 141 674	656	15 460
1974	5 184 783	447	11 599
1975	6 873 358	430	15 984
1976	6 991 291	411	17 010
1977	7 955 984	483	16 472
1978	8 347 432	792	10 539
1979	5 308 459	581	9 136
1980	6 383 303	307	20 792
1981	5 368 962	306	17 545
1982	5 764 252	291	19 808
1983	7 391 013	322	22 953
1984	5 742 207	310	18 523
1985	5 393 973	464	11 625
1986	7 221 574	538	13 423
1987	2 630 502	126	20 877
1988	4 005 190	290	13 811
1989	1 889 118	174	10 857
1990	2 366 400	204	11 600
1991	2 696 960	196	13 760
1992	3 631 807	216	16 814

UM LADO TRISTE DA FINAL

Vinte minutos antes de Botafogo e Flamengo entrarem em campo para disputar a segunda partida decisiva, o Maracanã foi palco de um triste episódio. As grades de proteção das arquibancadas se romperam em um espaço equivalente a 25 metros, e vários torcedores sofreram uma queda de 8 metros, atingindo as pessoas que estavam nas numeradas. Os feridos chegaram a 90 e três deles morreram nos dias subseqüentes.

MÉDIAS DE RENDA DO CAMPEONATO

Entre parênteses, o número de jogos de cada clube

Clube	Total de renda	Média de renda
FLAMENGO (27)	9 579 818 000	354 808 074
BOTAFOGO (27)	6 273 005 000	232 333 518
VASCO (25)	4 509 168 000	180 366 720
CORINTHIANS (25)	3 489 675 000	139 587 000
SÃO PAULO (25)	3 467 584 000	138 703 360
SANTOS (25)	2 719 426 000	108 777 040
CRUZEIRO (25)	2 645 841 000	105 833 640
INTERNACIONAL (19)	1 675 734 982	88 196 578
BRAGANTINO (25)	1 863 174 000	74 526 000
SPORT (19)	1 241 826 491	65 359 289
PALMEIRAS (19)	1 215 113 992	63 953 368
FLUMINENSE (19)	1 119 111 989	58 900 631
ATLÉTICO-MG (19)	1 028 983 494	54 157 026
PAYSANDU (19)	1 001 380 997	52 704 263
GOIÁS (19)	941 854 985	49 571 315
PORTUGUESA (19)	711 330 987	37 438 473
BAHIA (19)	696 534 984	36 659 736
NÁUTICO (19)	564 718 494	29 722 026
GUARANI (19)	546 037 485	28 738 815
ATLÉTICO-PR (19)	455 807 986	23 989 894

TOTAL DE RENDA

MÉDIA DE RENDA

O TETRACAMPEONATO COM MUITA EXPERIÊNCIA

Júnior é o segundo jogador mais velho a ganhar o campeonato nacional. Aos 38 anos, ele só perde para Manga, o goleiro do Internacional que, aos 39 anos, foi campeão em 1976. Mas Júnior leva uma vantagem. Manga foi campeão apenas duas vezes (1975/76) e Júnior foi o primeiro colocado em quatro oportunidades (1980/82/83/92). Além dele, só Zico (1980/82/83/87) também foi tetra e somente Andrade ganhou o título cinco vezes (1980/82/83/87/89). Para a CBF, que dá ao Sport o título de 1987, porém, só Júnior e Andrade são tetra.

O MENOR PÚBLICO DO ANO

Foi da Portuguesa o jogo com o menor público pagante do campeonato. Apenas 521 pessoas foram ao Canindé assistir à vitória da Lusa por 3 x 1 sobre o Náutico. Mas o menor público da história continua sendo o de Desportiva e Confiança, em 1986: 78 pagantes.

FELICIDADE EM DOSE TRIPLA

Paulinho e Bebeto foram os donos do jogo Santos 3 x Vasco 3, no primeiro encontro pelas semifinais. Cada um fez três gols naquele dia, o máximo que um jogador alcançou neste campeonato, como Túlio, do Goiás, Edil, do Paysandu, Marcelo, do Bahia, e Nílson, da Lusa.

MÉDIAS DE PÚBLICO POR CIDADE

Entre parênteses, o número de jogos em cada cidade

Cidade	Total de público	Média de público
RIO DE JANEIRO (48)	1 325 468	27 613
BELO HORIZONTE (21)	405 626	19 315
BELÉM (9)	168 612	18 734
PORTO ALEGRE (10)	187 114	18 711
SÃO PAULO (50)	881 043	17 620
RECIFE (19)	213 380	11 230
SANTOS (10)	104 176	10 417
JUIZ DE FORA (2)	19 751	9 875
GOIÂNIA (9)	86 524	9 613
SALVADOR (10)	77 255	7 725
CAMPINAS (9)	67 293	7 477
BRAGANÇA (10)	53 404	5 340
CURITIBA (9)	42 161	4 684

TOTAL DE PÚBLICO

MÉDIA DE PÚBLICO

RICARDO CORRÊA

CARLINHOS NO GRUPO DO BI

O técnico Carlinhos entrou no seleto grupo dos bicampeões brasileiros. Depois de conquistar a Copa União, em 1987, ele voltou a ganhar com o Flamengo este ano. Além dele, Osvaldo Brandão (1972/73) e Telê Santana (1971/91) foram os únicos técnicos a serem bi. Agora, Carlinhos quer o tri, como Rubens Minelli e Ênio Andrade.

DECISÃO NO MARACANÃ: FESTA PARA UM MILHÃO DE PESSOAS

Com os públicos somados dos dois jogos decisivos entre Flamengo e Botafogo (mais de 220 mil pessoas), o Maracanã já passou a impressionante marca de um milhão de pessoas presentes às decisões realizadas no Rio. Esta foi a oitava final (as outras foram em 1971, 1974, 1980, 1983, 1984, 1985 e 1987) realizada no estádio. O número total de pagantes chega agora a 1 004 889 torcedores, que assistiram às decisões entre: Botafogo e Atlético-MG; Vasco e Cruzeiro; Flamengo e Atlético Mineiro; Flamengo e Santos; Vasco e Fluminense; Coritiba e Bangu; Flamengo e Internacional; e, agora, Flamengo e Botafogo.

QUANDO O FLA CHEGA, LEVA

Todas as finais de campeonatos brasileiros em que a camisa rubro-negra esteve presente foram ganhas pelo Fla. É mais um recorde do Mengão, que, com a conquista deste ano, fez do Botafogo nada menos que sua quinta vítima. As outras foram, pela ordem, o Atlético-MG, derrotado por 3 x 2 no Maracanã, em 1980; o Grêmio, por 1 x 0, em 1982; o Santos (3 x 0, em 1983) e o Inter-RS (1 x 0, na final da Copa União, em 1987).

ESSES SÓ MORREM NA PRAIA

A sorte que sobra ao Flamengo nas decisões parece faltar ao Cruzeiro e também ao Botafogo. Juntos, eles são os últimos no ranking dos times que disputaram finais, com duas derrotas e nenhum campeonato nacional. O Bota foi vice do Palmeiras em 1972 e, agora, perdeu de novo, para o Flamengo. O Cruzeiro perdeu duas seguidas: para o Vasco (2 x 1, no Maracanã) e Inter-RS (1 x 0, no Beira-Rio), em 1974 e 75.

REPETIÇÃO DOS RESULTADOS

JOGOS	MARCADOR
44	1 x 0
34	1 x 1
34	2 x 0
24	0 x 0
22	2 x 1
13	3 x 1
11	3 x 0
8	2 x 2
7	3 x 2
7	4 x 0
4	4 x 2
3	4 x 1
1	3 x 3
1	5 x 0
1	5 x 1
1	5 x 2
1	6 x 0

O ARTILHEIRO NEGATIVO

César Sampaio, um dos melhores jogadores do Palmeiras, não deu sorte na hora de concluir: acabou fazendo dois gols contra e, por isso, ficou com o incômodo título de artilheiro negativo do Campeonato Brasileiro. Em compensação, também marcou para o Verdão, contra Flu e Corinthians.

O GRANDE GOLEADOR DOS PÊNALTIS

Nílson acabou o campeonato com onze gols pela Portuguesa. Foi quem mais se aproveitou das cobranças de pênaltis: fez três desse jeito. Dos 495 gols do campeonato, 21 foram assim.

COMPORTAMENTO DAS DEFESAS

	GOLS SOFRIDOS	JOGOS	MÉDIA
Bragantino	17	25	0,68
Sport	15	19	0,78
Palmeiras	17	19	0,89
São Paulo	23	25	0,92
Vasco	23	25	0,92
Atlético-MG	18	19	0,94
Cruzeiro	25	25	1,00
Fluminense	19	19	1,00
Guarani	19	19	1,00
Internacional	20	19	1,05
Santos	27	25	1,08
Flamengo	31	27	1,14
Corinthians	29	25	1,16
Botafogo	32	27	1,18
Bahia	24	19	1,26
Portuguesa	26	19	1,36
Náutico	29	19	1,52
Atlético-PR	32	19	1,68
Goiás	34	19	1,78
Paysandu	35	19	1,84

COMPORTAMENTO DOS ATAQUES

	GOLS MARCADOS	JOGOS	MÉDIA
Botafogo	46	27	1,70
Vasco	41	25	1,64
Flamengo	44	27	1,62
Corinthians	32	25	1,28
Goiás	23	19	1,21
Palmeiras	23	19	1,21
Santos	30	25	1,20
São Paulo	28	25	1,12
Fluminense	21	19	1,10
Portuguesa	21	19	1,10
Bahia	20	19	1,05
Cruzeiro	25	25	1,00
Atlético-PR	19	19	1,00
Internacional	19	19	1,00
Paysandu	19	19	1,00
Náutico	17	19	0,89
Bragantino	22	25	0,88
Atlético-MG	15	19	0,78
Guarani	15	19	0,78
Sport	15	19	0,78

TODOS OS QUE MARCARAM

Bebeto (Vasco) 18
Chicão (Bota), Paulinho (San) 12
Nílson (Port) 11
Túlio (Go) 10
Valdeir (Bota), Júnior (Fla) 9
Marcelo (Ba), Neto, Viola (Cor), Gaúcho (Fla), Edmundo (Vas) 8;
Renato Gaúcho (Bota), Charles, Paulo Roberto (Cru), Ézio (Flu), Gérson (Inter) 6;
Negrini, Ozias, Renaldo (Atl-PR), Marco Aurélio (Bra), Nélio (Fla), Reginaldo (Pay), Cilinho (San), Müller, Palhinha, Raí (SP), Sílvio Ceará (Spo), Bismarck (Vas) 5;
Alberto, Tiba (Bra), Carlos Alberto Dias (Bota), Wílson Mano (Cor), Bobô (Flu), Wallace (Go), Ânderson (Gua), Nivaldo (Náu), Edil (Pay), Macedo (SP) 4;
Alfinete, Edmar, Edu Lima (Atl-MG), Naldinho (Ba), Renê (Bota), Cleisson (Cru), Júlio César, Toto, Zinho (Fla), Renato (Flu), Jorge Batata (Go), Aílton, Vônei (Gua), Zinho (Inter), Pirata (Náu), Betinho, Edu, Luís Henrique (Pal), Almir, Guga (San) 3;
Sérgio Araújo (Atl-MG), Leomar (Atl-PR), Paulo Rodrigues (Ba), João Santos, Ludo (Bra), Gilmar Francisco, Pichetti, Pingo (Bota), Fabinho, Jairo, Marcelinho, Paulo Sérgio (Cor), Agnaldo, Luís Fernando, Paulão (Cru), Luís Antônio, Paulo Nunes, Rogério (Fla), Elói, Mazola (Flu), Augusto, Cacau (Go), Pereira (Gua), Célio Lino (Inter), Róbson (Náu), César Sampaio, Evair, Marques, Paulo Sérgio (Pal), Corrêa, Edelvan, Vlademir (Pay), Carlinhos, Cristóvão, Maurício (Port), Antônio Carlos (SP), Aílton, Franklin (Spo), William (Vas) 2;
Moacir, Ryuler, Valdinei (Atl-MG), Roberson, Tico (Atl-PR), Eduardo Paulista, Erasmo, Gilvan, Léniton, Lima Baiano, Lima Sergipano, Maílson (Ba), Donizetti, Gil Baiano, Nei, Tuquinha, Vágner Mancini (Bra), Bujica, Odemílson, Sandro, Válber (Bota), Ezequiel, Giba, Luciano, Taíka (Cor), Édson, Macalé, Nonato, Ramón (Cru), Fabinho, Marcelinho, Marquinhos, Piá, Wílson Gottardo (Fla), Carlinhos Itaberá, Julinho, Luís Marcelo, Paulinho Carioca (Flu), Marçal, Marcelo Borges (Go), Gustavo, Roberto Gaúcho, Rocha (Gua), Canhoto, Éverton, Gélson, Leco, Lima, Marquinhos, Nórton, Simão (Inter), Augusto, Barros, China, Daniel, Fagundes, Freitas, Lúcio Surubim, Ocimar (Náu), Alexandre Rosa, Amaral, Andrei, Magrão, Toninho (Pal), Dema, Nei, Preta (Pay), Adil, Dener, Vidotti, Vladimir (Port), Axel, Bernardo, Carlinhos, Dinho, Marcelo Passos, Pedro Paulo, Ranieli (San), Cafu, Ivan, Rinaldo, Ronaldo, Ronaldo Luís (SP), Dinho, Gilton, Givaldo, Moura, Neco, Zico (Spo), Flávio, Jorge Luís, Júnior, Sídnei, Sorato e Tinho (Vas) 1

MAIORES GOLEADAS

	Jogo	
6	BOTAFOGO X GOIÁS	0
5	SÃO PAULO X ATLÉTICO-PR	0
5	NÁUTICO X PAYSANDU	1
5	GOIÁS X SPORT	2
0	ATLÉTICO-MG X VASCO	4
4	BAHIA X PAYSANDU	0
4	CRUZEIRO X ATLÉTICO-PR	0
4	FLUMINENSE X SANTOS	0
0	NÁUTICO X ATLÉTICO-MG	4
4	SANTOS X INTERNACIONAL	0
0	SÃO PAULO X PALMEIRAS	4

MÉDIAS DE GOLS ANO A ANO

ANO	GOLS	JOGOS	MÉDIA
1971	419	229	1,83
1972	731	352	2,08
1973	1 202	656	1,83
1974	951	447	2,13
1975	972	430	2,26
1976	915	411	2,22
1977	1 194	483	2,47
1978	1 771	792	2,23
1979	1 358	581	2,33
1980	826	307	2,69
1981	754	306	2,46
1982	799	291	2,74
1983	868	322	2,69
1984	737	310	2,37
1985	1 126	464	2,42
1986	1 125	538	2,09
1987	223	126	1,77
1988	545	290	1,88
1989	331	174	1,90
1990	385	204	1,89
1991	435	196	2,22
1992	495	216	2,29

OS MELHORES ATAQUES EM CAMPEONATOS BRASILEIROS

CLUBE	GOLS	JOGOS	MÉDIA	ANO
1.º Guarani	63	20	3,15	1982
2.º Atlético-MG	55	21	2,62	1977
3.º Inter-RS	55	22	2,50	1976
4.º Cruzeiro	43	19	2,26	1979
5.º Flamengo	57	26	2,19	1983
6.º Vasco	41	19	2,16	1981
7.º Atlético-MG Flamengo	48	22	2,09	1980
8.º Vasco	61	30	2,03	1978
9.º Vasco	51	26	1,96	1984
10.º São Paulo	62	34	1,82	1986
Fluminense	51	28	1,82	1975
12.º Bangu	54	30	1,80	1985
13.º São Paulo	49	28	1,75	1972
14.º Atlético-MG Flamengo	41	24	1,71	1974
15.º Inter-RS	51	30	1,70	1975
Botafogo	46	27	1,70	1992
17.º Santos	56	53	1,51	1973
18.º Atlético-MG	39	27	1,44	1971
Vasco	26	18	1,44	1989
20.º Atlético-MG	30	21	1,43	1991
21.º Inter-RS	40	29	1,38	1988
22.º Atlético-MG	23	17	1,35	1987
23.º Grêmio	28	23	1,22	1990

RANKING DE PLACAR

Posição	Clube	Pontos
1.°	São Paulo	105
2.°	Internacional	97
3.°	Atlético-MG	90
4.°	Flamengo	89
5.°	Grêmio	84
	Corinthians	84
7.°	Vasco	83
8.°	Cruzeiro	74
9.°	Palmeiras	71
10.°	Fluminense	57
11.°	Botafogo	51
12.°	Santos	50
13.°	Coritiba	42
14.°	Guarani	41
15.°	Bahia	32
16.°	Sport	30
17.°	Bragantino	19
18.°	Operário-MS	17
19.°	Santa Cruz	14
20.°	Goiás	13
21.°	América-RJ	12
	Ponte Preta	12
	Portuguesa	12
24.°	Bangu	11
25.°	Atlético-PR	10
26.°	Náutico	9
27.°	Brasil-RS	8
28.°	Londrina	7
	Vitória	7
30.°	América-MG	4
	Ceará	4
	Uberlândia	4
33.°	Desportiva-ES	3
	Joinville	3
	Uberaba	3
36.°	Anapolina	2
	Criciúma	2
38.°	CSA	1
	Mixto	1
	Paysandu	1

Pontuam, pelo ranking de PLACAR, os dez primeiros colocados de cada ano. Atribuem-se dez pontos para o campeão, nove para o vice, oito para o terceiro colocado e assim sucessivamente.

NINGUÉM APITOU MAIS QUE ELES

Entre os 40 juízes que apitaram no Campeonato Brasileiro, o mineiro Márcio Resende de Freitas foi o que mais atuou: esteve presente em nada menos que dezenove dos 216 jogos. Nas finais, porém, o recorde é de José Roberto Wright: com Flamengo x Botafogo, ele completou cinco decisões nacionais.

OUTRA VEZ FICOU TUDO EM CASA

Fla x Bota foi a segunda decisão entre cariocas. A primeira foi em 1984, com Fluminense x Vasco. Mas os paulistas ainda ganham por 5 x 2 (Palmeiras x São Paulo, em 1973; Guarani x Palmeiras, em 78; São Paulo x Guarani, em 86; São Paulo x Corinthians, em 90; e São Paulo x Bragantino, em 1991).

Resumo do Campeonato
Jogos: 216
Gols: 495
Média: 2,29
Público (total): 3 631 807
Média: 16 813
Renda (total): Cr$ 25 289 685 687
Média: Cr$ 117 081 878

A CBF E SEUS RANKINGS

Para atender a pedidos de vários leitores, PLACAR procurou a CBF pedindo o ranking oficial do Campeonato Brasileiro desde 1971. A entidade, então, enviou uma primeira classificação. Pelos seus critérios (dois pontos para cada vitória e um por empate sem se importar com a colocação ano a ano), o Internacional aparece na liderança com 607 pontos. Em um contato posterior, porém, o Departamento Técnico da entidade pediu para que a revista desconsiderasse a lista, pois nela estavam computados os pontos da Copa União de 1987, na qual a própria CBF reconhecia o título brasileiro daquele ano do Flamengo. A Confederação, então, enviou uma segunda classificação, atualizada apenas até 1986. Nesta, pela primeira vez, o Vasco aparece na liderança, com 598 pontos. A lista, no entanto, contradiz a primeira, em que o Vasco possuía 590 pontos até 1991, oito a menos dos que lhe eram concedidos em 1986. Ao leitor, resta aguardar a definição do ranking da CBF. E ficar com a classificação de PLACAR. Ao lado, os primeiros 29 colocados dos dois rankings da CBF.

RANKING 1971/1986

Posição	Clube	Pontos
1.°	Vasco	598
2.°	Internacional	565
3.°	Atlético-MG	563
4.°	Grêmio	562
5.°	Flamengo	528
6.°	Corinthians	527
7.°	Palmeiras	513
8.°	São Paulo	487
9.°	Cruzeiro	449
10.°	Botafogo	445
11.°	Fluminense	444
12.°	Santos	437
13.°	Guarani	415
14.°	Coritiba	407
15.°	América-RJ	391
16.°	Bahia	377
17.°	Santa Cruz	367
18.°	Sport	322
19.°	Náutico	314
20.°	Goiás	290
21.°	Ponte Preta	272
22.°	Portuguesa	265
23.°	Ceará	234
24.°	Atlético-PR	230
25.°	Vitória-BA	229
26.°	Joinville	193
27.°	Nacional-AM	172
28.°	CSA	169
29.°	Fortaleza	163

RANKING 1971/1991

Posição	Clube	Pontos
1.°	Internacional	607
2.°	Atlético-MG	600
3.°	Grêmio	593
4.°	Flamengo	590
	Vasco	590
6.°	São Paulo	575
7.°	Corinthians	546
8.°	Cruzeiro	535
9.°	Palmeiras	524
10.°	Santos	495
11.°	Fluminense	493
12.°	Botafogo	471
13.°	Bahia	467
14.°	Guarani	446
15.°	Santa Cruz	422
16.°	Sport	404
17.°	Coritiba	403
18.°	Náutico	397
19.°	Portuguesa	381
20.°	Goiás	371
21.°	América-RJ	367
22.°	Ceará	317
23.°	Ponte Preta	313
24.°	Vitória-BA	310
25.°	Atlético-PR	304
26.°	Operário-MS	246
27.°	Joinville	245
28.°	Remo	242
29.°	América-MG	220

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa
retor Superintendente: Ronald Jean Degen

Diretores de Área
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci, Edvard Ghirelli Filho, Júlio Bartolo, Oswaldo de Almeida, Ricardo A. Setti, Vanderlei Bueno

PLACAR

tor Gerente: Alberto Pecegueiro
tor Editorial: Juca Kfouri
tor de Arte: Carlos Grassetti

AÇÃO
tor-Chefe: Sérgio F. Martins
r: Celso Unzelte
r de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
rteres: Paulo Coelho e Manoel Coelho (colaborador)
res de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli boradores)
ramadores: André Luiz Pereira da Silva e José Jonas de (colaboradores)
tentes de Produção: Sebastião Silva, Wander Roberto liveira e Sidnei Augusto da Silva (colaborador)

O EDITORIAL
Press - Gerente: Judith Baroni
tório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Fur- (assistente)
tório Paris: Pedro de Souza (gerente), Álvaro Teixeira stente)
os Aires: Odillo Licetti (correspondente)
i: Alessandro Porro (correspondente)
rtamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
ços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
mação Editorial - Gerente: Cícero Brandão

LICIDADE
tor: Meyer Alberto Cohen
ntes: Dario Castilho, Miguel Castello, Moacyr Guima- Nilo Galdeano Bastos, Olavo Ferreira, Roberto Nasci- to (SP); Aldano Alves (RJ)
nte de Promoção: Jacira Fernandes de Barros
denação de Publicidade: Sadako Sigematu (superviso- Tieko Kuniyuki (Coordenadora)
esentantes: Adriana Sandoval, Aldo S. Falco, Ana Marta fio Gozzio, Antonio Carlos Perreto, Eliane Pinho S. da Silva, Marcos Ali, Luiz Alberto Diegues, Luiz Marcos Perazza, Lui- ntalea, Marcia Regina da Silva, Renato Bertoni, Selma Fer- outo (SP); Andrea Veiga, Maria Luciene Lima (RJ)
iço de Marketing Publicitário: Marta de Moraes (super- a)

ntes de Contas: Lilica Mazer (Gerente Nacional); Silvio azzi (Gerente Nordeste e Sudeste)

Lúcia Figueira (Porto Alegre), José Laranjeira (Salva- Mauro Marchi (Blumenau), Reginaldo G. Andrade (For- za), Rogério Ponce de Leon (Brasília), Plínio M. Rabello itiba), Silvana Grisi (Campinas), Verene Lopes Cançado Horizonte)

esentantes: Fênix Propaganda (MT); Intermídia (Ribei- Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing); Multi-Revistas (PB e RN); Paper Comunicações (AM); esso Representações e Marketing (PA); Vallemidia - Re- entações e Publicidade (São José dos Campos); Via nia (GO); Vitória Mídia (ES)

RKETING
tor de Marketing: Reynaldo Mina

INATURAS
tor de Serviços ao Assinante: Eduardo Marafanti
tor de Operações: Nelson Romanini Filho

tor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
tor Escritório Rio de Janeiro: Luiz Fernando Pinto Veiga

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BOCA DO LEITOR

Na camisa de Pelé, o amor pelas cores da Seleção Brasileira

O rei, mais uma vez

Adorei PLACAR com os gênios do futebol brasileiro de 1970 a 1992. Gostaria que vocês dessem um repeteco na foto do Rei Pelé publicada na mesma revista. O suor do Rei molha nossa camisa canarinho formando um imenso coração.

Leomagno Almeida de Sousa
Natal, RN

Tricolor é *Dream Team*

Parabéns ao São Paulo pela brilhante campanha na Taça Libertadores. Foram oito vitórias em catorze jogos, e o time ainda teve em Palhinha o artilheiro da competição com sete gols. Parabéns, *Dream Team* (Time dos Sonhos).

Gustavo de C. Guedes
Bauru, SP

Campeões internacionais

Por que vocês não fazem uma edição dos campeões internacionais como a dos campeões estaduais que vocês publicam todo ano?

Alexandre T. Marques
Niterói, RJ

Fanático por escudos

Em 1988, vocês fizeram um álbum com escudos do mundo inteiro. Por que não reeditá-lo, desta vez mais completo e com mais escudos?

Rogério Michailev
Curitiba, PR

Salve o tricolor *Dream Team*, time dos sonhos dos são-paulinos

Homenagem a Mané Garrincha

Brilhante e justíssima a homenagem a Garrincha (edição n.º 1072). Se Pelé foi e é Rei, Garrincha só não o foi porque futebol, para ele, era só alegria.

Éric Claudiney Machado
Bauru, SP

EU QUERIA SABER

A Libertadores é do Peru?

Sou brasileiro e fiz uma aposta com um amigo peruano. Eu digo que o máximo que o Peru já conseguiu em uma Libertadores foi um vice-campeonato, em 1972. Ele diz que neste ano o campeão foi o Universitário. Quem está com a razão?

Luiz Augusto Becker
Lima, PERU

Você tem razão, Luiz. O vice-campeonato do Universitário, perdendo a finalíssima por 2 x 1 para o Independiente, da Argentina, em 1972, é a maior conquista do futebol peruano na história da Taça.

Santos: bi mundial

Os clubes e suas estrelas

Qual o significado das estrelas que se localizam acima dos escudos do Bragantino, Bahia (duas), Fluminense (três), Paysandu (uma) e Santos (duas)?

Emílio Carlos Santos
Maceió, AL

As estrelas simbolizam: o Campeonato Paulista conquistado pelo Braga (1990); a Taça Brasil de 1959 e o Brasileiro de 1988, do Bahia; os três tris cariocas (1917, 18 e 19; 1936, 37 e 38; e 1983, 84 e 85) do Flu; o Campeonato Brasileiro da Série B, conquistado em 1991, pelo Paysandu; e o bicampeonato mundial, em 1962 e 1963, do Santos.

ARI GOMES

Renato na Itália: só um gol

Os gols de Renato na Roma

Gostaria de saber se Renato Gaúcho chegou a marcar gols jogando na Roma. Se fez, quantos foram? Contra que clubes?

André Luís Oliveira
Jacobina, BA

Renato defendeu a Roma na temporada 1988/89, quando a equipe ficou em oitavo lugar no Campeonato Italiano. Em jogos oficiais, porém, não marcou nenhum gol. A exceção foi no amistoso em que a Roma venceu o Trento, da Terceira Divisão, por 2 x 0, em agosto de 1988. Nesse jogo, Renato fez um dos gols.

SUPER MERCADO

Torcedores de todo o mundo

Alô, queridos amigos de PLACAR. Sou um chileno torcedor do futebol brasileiro que gostaria de trocar bandeiras, chaveiros e distintivos de todos os clubes do Brasil.

Humberto Parada Yañez
Las Acacias 213 Rejas Sur
Comuna Est. Central
Santiago - CHILE

Quero trocar correspondências, escudos, posters e opiniões com torcedores brasileiros sobre futebol.

Victor Heredia
García Lorca 46
CP 5151 La Calera
Córdoba - ARGENTINA

Estou muito interessado em obter exemplares de PLACAR entre 1970 e 1980. Pago em dólares.

Mark Sugrue
P.O. Box 97
Palm Beach Gold Coast
Queensland - QLD 4221
AUSTRÁLIA

Torcedores de todo o Brasil

Tenho aproximadamente 110 edições, editadas entre 1981 e 1987, da revista PLACAR. Todas com seus respectivos posters, superposters e posters gigantes. Quero vendê-las, com preço a combinar.

Waldisnei Oliveira
Av. Pres. Juscelino, 411
CEP 13600, Araras, SP

Vendo ou troco um poster gigante de Ademir da Guia (1972) e da Argentina bicampeã mundial em 1986, ambos em ótimo estado.

Gérson Elias da Silveira
Passagem Monte Serrat, 51-A
CEP 66050, Belém, PA

Desejaria comprar de algum amigo leitor de PLACAR o n.º 1053 (50 Anos do Rei Pelé).

Paulo Alexandre Mincherian
Rua São Sebastião, 149
CEP 15413, Embaúba, SP

CORREÇÃO

Na edição *Guia do Campeonato Paulista 92*, o quadro sobre os 90 anos de Paulistão mostra corretamente que a Portuguesa de Desportos foi três vezes campeã estadual (1935, 36 e 73), mas no resumo de número de títulos de cada clube, na página 18, o nome da Lusa acabou esquecido.

PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausi Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573-900, Caixa Postal 14110 - F guesia do Ó, tel.: (011) 534-5344, Telex (011) 57357, 57359 57382, FAX: (011) 534-5638, Telegramas: Editabril/Abrilpres
Administração: r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515-0 tel.: (011) 858-4511.

ESCRITÓRIOS

BRASIL

Belo Horizonte: r. Paraíba, 1122, 18.º andar, Bairro Funcior rios, CEP 30130-141, tels.: (031) 226-7799/7007, Telex (03 1085, FAX: (031) 226-7114

Blumenau: r. 7 de Setembro, 1574, 5.º andar, CEP 89010-20 tel.: (0473) 26-1415, Telex (0473) 47-1071, FAX: (0473) 26-0902

Brasília: SCN - Quadra CN1, Lote C, Edifício Brasília, Trade Ce ter, 14.º e 15.º andares, CEP 70710-500, tel.: (061) 321-885 Telex (061) 1464 e 1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Ab press

Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131/13 Centro, CEP 13010-210, tel.: (0192) 33-7100, Telex (019 193311, FAX: (0192) 23281

Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, C 79052-170, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685

Caxias do Sul: r. Pinheiro Machado, 2705, sala 503, Ed. M tropolitan, CEP 95020-172, tel.: (054) 223-2455

Cuiabá: r. 86, Quadra 16, Casa 28, CPA 3, Setor 1, C 78058-330, Caixa Postal 445, tel.: (065) 341-2674

Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º andare Bairro Centro Cívico, CEP 80530-000, tel.: PABX (04 252-6996, Telex (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (ate dimento ao assinante) (041) 252-5566

Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, co 101, Centro, CEP 88010-100, tel.: (0482) 22-7826, Telex (048 1004, FAX: (0482) 23-5873

Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeo CEP 60150-161, tel.: (085) 261-7555, Telex (085) 1607

Goiânia: r. 1127, n.º 220, Setor Marista, CEP 74175-060, te (062) 241-3756

Natal: r. Dr. Múcio Galvão, 435, Lagoa Seca, CEP 59020-55 TELEFAX: (084) 223-2303

Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sa 704, CEP 93510-001, tel.: (051) 593-9891

Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 30 Bairro Menino Deus, CEP 90510-002, tels.: (051) 229-5899/417 Telex (051) 1092, FAX: (051) 229-4857, Telegrams: Abrilpress

Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 90 Bairro São José, CEP 50020-000, tel.: (081) 424-3333, Tel (081) 1184, FAX: (081) 424-3896

Ribeirão Preto: r. Garibaldi, 919, Centro, CEP 14010-170, T LEFAX: (016) 634-9376

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafog CEP 22290-030, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FA (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress

Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 6 andares, salas 303 e 604, Bairro Pituba, CEP 41820-021, te (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583

São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CE 12245-670, tel.: (0123) 21-1126, FAX: (0123) 21-5046

Vitória: av. Jerônimo Monteiro, 1000, Ed. Trade Center, 10.º a dar, conj. 1002/1004, Centro, CEP 29010-004, TELEFAX: (02 223-4688

EXTERIOR

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 340 New York, N.Y. 10165/3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, T lex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (0033 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (0033 42.66.13.99

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • EXAME INFORMÁTICA

Economia e Negócios
EXAME

Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes
PLACAR

Masculinas
PLAYBOY

Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO • MÁXIMA

Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pe Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teres 06040, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últim edições. Distribuída co exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacion de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** (011) 823-9222

IMPRESSA NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

SEXO: COMO TRANSAR GOSTOSO SEM CORRER RISCOS
PLAYBOY
17º ANIVERSÁRIO
CARLA MARINS
A ELIANE DE PEDRA SOBRE PEDRA SEM NADA SOBRE O CORPO
ENTREVISTA
PELA PRIMEIRA VEZ, A PREFEITA LUIZA ERUNDINA REVELA SUA INTIMIDADE COMO MULHER
17 ANOS DE PRAZER
A NUDEZ INESQUECÍVEL DAS MUSAS DAS CAPAS DE ANIVERSÁRIOS
VERA FISCHER
ISABELA GARCIA
LUCINHA LINS
ÍSIS DE OLIVEIRA
BETTY FARIA
E MUITO MAIS
17 GATAS DESCOBERTAS POR PLAYBOY COM UM
POSTER GIGANTE
DE ANDREA GUERRA E VANUSA SPPINDLER
CORRUPÇÃO E PODER
O QUE HÁ POR TRÁS DA FORÇA DAS EMPREITEIRAS
ESPECIAL
OS MELHORES RESTAURANTES DO BRASIL
EXCLUSIVO
MPERAMENTAL,
ITAMAR FRANCO
NÉDITO, UM CONTO
DO VICE-PRESIDENTE)
NAMORA
BRINDE:
Superadesivo do coelho
Editora Abril
Venda proibida para menores de 18 anos
Nas Bancas

Opel Germany
Fornecedor do Ano (1987)

General Motors do Brasil
Certificado de Mérito
18 vezes (1973-1990)

Ford Brasil
Certificado de Qualidade
9 vezes (1981-1986)

Autolatina
Prêmio Autolatina de Qualidade
4 vezes (1988-1991)

Fiat Brasil
Placa Melhor Desempenho
4 vezes (1987-1990)

General Motors Europe
Fornecedor do Ano
3 vezes (1989-1991)

Isuzu Motors Japão
Prêmio de Excelência
em Qualidade (1991)

Retentor de Prêmios.

Retentor também ganha prêmios. E muitos. São mais de 80 prêmios que a Sabó, uma indústria de autopeças 100% nacional, conquistou aqui e lá fora. Este sucesso é resultado de um trabalho desenvolvido com alta tecnologia. É isto que coloca a Sabó numa posição de destaque entre os melhores fornecedores da indústria automobilística mundial. O mais importante disso tudo, é que o seu veículo é premiado, todos os dias, com produtos Sabó de máxima qualidade. E que você pode encontrar a hora que quiser, nas lojas de autopeças em todo o Brasil.